

## INTRODUÇÃO

Os relatos de ocorrências que sugerem a manifestação de um agente desencarnado, através de um médium, não são raros na literatura parapsicológica. Alguns autores, tanto antigos (1, 2), como modernos (7a), já têm versado esse tipo de fenômeno.

O que se torna raro é o conjunto de circunstâncias que permita uma perfeita demonstração da evidência da comunicação de um agente theta. A separação dos fatores que possam sugerir explicações alternativas (fraude, criptomnésia e ESP) torna-se difícil nessa categoria de ocorrência paranormal. É possível que muitos fatos autênticos tenham sido rejeitados devido a esse empecilho. Não obstante, pesquisadores sérios e imparciais estão dando acurada atenção aos casos que sugerem a manifestação de um comunicador estranho ao médium e aos assistentes (“drop in”), seja por meio da escrita automática, seja pela psicofonia ou qualquer outro processo. Assim, a Divisão de Parapsicologia da Universidade de Virginia, EE.UU, fundada em 1967, expandiu, em 1971, sua programação de pesquisas neste campo, bem como seu corpo de pessoal técnico. A direção desse seleto elenco de parapsicólogos ficou a cargo do Dr. Ian Stevenson, médico e professor de Psiquiatria e Neurologia daquela Universidade. Entre os ilustres membros de seu “staff”, figuravam o Dr. Rex Stanford e o falecido Dr. J. G. Pratt, ambos conhecidos pelos seus inúmeros e importantes trabalhos no campo dos fenômenos paranormais. Uniram-se a eles o Sr. Champe Ranson, Assistente de Pesquisas, e o Dr. John Palmer, do Departamento de Psicologia da McGill University. O Dr. John Palmer é especialista em casos de comunicação mediúnica, que não são explicáveis por ESP entre pessoas vivas e, obviamente, não classificáveis como fraude ou criptomnésia (5).

Os casos de comunicação mediúnica que fornecem maior evidência a favor da intervenção de um agente desencarnado, além dos casos de “drop in”, são os de correspondência cruzada (4).

Muitas tentativas estão sendo levadas a efeito no sentido de se obterem comunicações que não deixem dúvidas quanto à identidade da personalidade comunicante. Entre tais processos devem destacar-se, pela sua originalidade, o dos códigos imaginados pelo Dr. Robert H. Thouless (8) e pelo Dr. Ian Stevenson (7b). Outros parapsicólogos estão preocupando-se com os métodos de avaliação do material obtido através de médiuns e que implicaria na sobrevivência após a morte (6).

É importante, pois, assinalar o interesse que os fenômenos de comunicação mediúnica vêm despertando entre os mais ilustres parapsicólogos, particularmente aqueles que se têm destacado pelos seus inúmeros trabalhos de investigação e pela sua reconhecida bagagem de conhecimentos concernentes à Parapsicologia e à Filosofia (3).

O trabalho que ora apresentamos refere-se a um caso de comunicação mediúnica do tipo “drop in”, portanto à manifestação de um desencarnado inteiramente desconhecido dos assistentes e do médium.

Procuramos investigar este caso da maneira mais imparcial possível, pois nosso objetivo foi estabelecer a verdade acerca do mesmo. Eis por que fizemos questão de transcrever, na íntegra, todos os depoimentos prestados, bem como apresentar todos os elementos que colhemos em nossas pesquisas. Possuímos os originais dos documentos em nossos arquivos e pômo-los à disposição dos investigadores interessados em sua análise.

No final do nosso relatório, permitimo-nos apresentar nosso ponto de vista, optando pela explicação que nos parece mais lógica. Todavia, esta nossa opção surgiu no final da investigação, representando tão-somente uma opinião pessoal. A nossa convicção resultou não só da análise do material, mas, sobretudo, da observação pessoal do comportamento da paciente e das pessoas envolvidas na ocorrência. É importante assinalar que os fenômenos paranormais geralmente se apresentam com o aspecto normal. O que os diferencia dos fenômenos normais é o conjunto das circunstâncias que compõem o seu contorno.

**H. G. A.”**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1 -**AKSAKOF, A.** –“ANIMISMO E ESPIRITISMO” (Rio de Janeiro: H.Garnier, 1903).

2 -**BOZZANO, E.** –“A PROPÓSITO DA INTRODUÇÃO À METAPSÍQUICA HUMANA” (Rio de Janeiro: FEB, 2a.edição, 1949).  
“ANIMISMO OU ESPIRITISMO” (Rio de Janeiro: FEB, 2a.edição, 1949).  
XENOGLOSSIA (Rio de Janeiro: FEB, 2a.edição, 1949).

3 -**DUCASSE, C.J.** –“PARANORMAL PHENOMENA SCIENCE AND LIFE AFTER DEATH” (Paraps. Monogr. n. 9, New York: Parapsychology Foundation, Inc., 1969, 55-63).

4 -**HEYWOOD, R.** –“O SEXTO SENTIDO”, (“The Sixth Sense”) (São Paulo: Ed.Pensamento, 1967, 71-93).

5 -“PARAPSYCHOLOGY REVIEW”, Vol.2 March/April, 1971, 1-2.

6 -**ROLL, W.G.** – “STATISTICAL MODELS FOR THE ASSESSMENT OF VERBAL AND OTHER ESP RESPONSES” - **BURDICK, D.S.** (“Journal A.S.P.R”., Vol.63, n9 3, July, 1969, 285-302.

7 -**STEVENSON, I.** a) “COMMUNICATOR UNKNOWN TO MEDIUM AND SITTERS” (Journal A.S.P.R., Vol. 64, n 9 January, 1970, 53-65).

“THE COMBINATION LOCK TEST FOR SURVIVAL” (“Journal A.S.P.R.”, Vol.62,n9 3,July, 1968, 246-254).

8 -**THOULESS, R.H.** –“THE CIPHER TEST OF SURVIVAL” (Theta, n9 2, July, 1963, 1-6).

## **CARACTERÍSTICAS DO CASO**

O presente caso sugere a manifestação,do tipo "drop in", de um "agente Theta", através de uma médium, durante uma sessão espírita. Em resumo,o fato passou-se da seguinte maneira:

Dia 6 de novembro de 1961, às 20h e 30min., na rua Guararapes n. 779, distrito do Alto da Lapa, cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, Brasil, efetuava-se costumeira sessão espírita. Achavam-se presentes as seguintes pessoas: Dr.Alfredo Castro, médico, em cuja casa se realizava a sessão; D.Maria Aidê Castro, esposa do Dr.A.Castro; Dr.Waltencir Linhares,médico; D.Yvette Schwindt Linhares, esposa do Dr.W. Linhares; Sr. Sérgio dos Santos Penna, assistente social; D.Marina Schwindt dos Santos Penna, esposa do Sr.Sérgio S.Penna; D. Anunciata Guaraldo, já falecida; Sr.Léo Weinstock, comerciante, esposo de D. Vitúlia (Túlia); D. Vitúlia Weinstock (Túlia), a "médium".

Iniciados os trabalhos da sessão, na forma típica dos grupos dessa natureza, e após alguns minutos de concentração, a médium, D. Túlia, começou a manifestar os sinais característicos de um transe. Logo a seguir, aparentemente inconsciente, passou a dar indícios de sofrimento, gemendo e soluçando.

O dirigente dos trabalhos, Dr.Alfredo Castro, interrogou a médium, em transe, presumindo que uma outra "personalidade" se achasse ali presente utilizando a sensitiva como meio de comunicação com os assistentes da sessão. A referida personalidade (presumível agente Theta) informou, então, o seguinte:

*a) que se chamava RUYTEMBERG ROCHA;*

*b) que era aluno do 2o ano da Escola de Oficiais da Força Pública do Estado de São Paulo;*

*c) que fora incorporado ao "Batalhão Marcílio Franco", em atividade na frente de Buri, Estado de São Paulo, durante as operações militares da "Revolução Constitucionalista de 1932";*

*d) que fora ferido por um estilhaço de granada, dizendo sentir muita dor na região supraclavicular esquerda (ou no peito,à esquerda), local este onde a "médium" em transe manteve a mão espalmada durante quase toda a sessão;*

e) que fora trazido ao local da sessão pelo seu pai e por alguns amigos; que nascera em São João da Bocaina, Estado de São Paulo, em 1908, (hoje denominado Bocaina, apenas);

g) *que seu pai chamava-se OZÓRIO ROCHA;*

h) *que sua mãe chamava-se JULIETA SIMÕES, pronunciando seu apelido familiar (infelizmente, esquecido pelas testemunhas, algumas das quais sugerem seja "Lilita");*

i) *que tinha uma irmã, cujo nome declinou na ocasião, mas do qual as testemunhas não se recordam mais, por não o haverem anotado. Faz exceção D. Marina, que lembra ter sido OLINDA o nome dado por Ruytemberg Rocha.*

Durante a comunicação, o presumível agente Theta inicialmente revelou ignorar sua situação de desencarnado, mostrando-se admirado desse fato quando o Dr. Alfredo Castro o cientificou de seu estado. Do mesmo modo, demonstrou surpresa ao saber da data em que se comunicava, pois se julgava, ainda, vivendo em 1932, ano da Revolução Constitucionalista. Afirmou que fora trazido à reunião pelo seu pai, Ozório, e por alguns amigos.

Pormenores mais minuciosos da comunicação de "Ruytemberg Rocha desencarnado" podem ser obtidos dos depoimentos prestados pelas testemunhas constantes do presente relatório, e logo adiante transcritos.

Posteriormente, os Drs. Waltencir Linhares e Alfredo Castro procuraram as fontes de averiguações que pudessem confirmar, ou não, as informações fornecidas através da "médium" em transe. Verificaram, então, que tais informações eram concordantes com os dados que puderam obter.

Entre as fontes mais importantes, destacam-se a ficha-de-baixa fornecida pela Academia da Polícia Militar da Força Pública do Estado de São Paulo, obtida pelo Dr. Alfredo Castro, em 1961, e o atestado a nós fornecido pela mesma corporação militar, em 16 de julho de 1970, ambos constantes desse processo.

Tomamos conhecimento do presente caso por intermédio do Dr. Alberto Lyra, médico psiquiatra, parapsicólogo e escritor, o qual, aos 19 de abril de 1969, recebera uma carta do Dr. Waltencir Linhares, relatando o fato. Uma transcrição dessa carta faz parte deste relatório. O Dr. Alberto Lyra gentilmente nos cedeu o referido documento, prontificando-se a colocar-nos em contato com as pessoas implicadas no acontecimento.

Mais tarde, pudemos obter os depoimentos das testemunhas, alguns dos quais foram transcritos e gravados, outros apenas gravados e por nós transcritos sumariamente.

**RELATÓRIO DA PRIMEIRA ENTREVISTA COM AS TESTEMUNHAS DO "CASO RUYTEMBERG ROCHA", EM 20 DE MAIO DE 1970.**

Dia 20 de maio de 1970, às 20h e 30m.,estivemos em casa do Dr.Alfredo Castro. Logo ao chegar, ficamos conhecendo D.Maria Aidê, esposa do Dr.Alfredo Castro e irmã da médium, D.Túlia Weinstock. Logo mais, apareceu o Dr.Waltencir Linhares (médico), que foi quem teve o cuidado de tomar algumas notas e investigar os detalhes do acontecimento, na ocasião.

D.Maria e o Dr.Castro informaram-nos que D.Túlia é uma "médium inconsciente", psicofônica (de incorporação). Diversas vezes, têm-se manifestado entidades por seu intermédio, várias das quais se identificaram cabalmente. Todavia, como o grupo se reúne, há cerca de 20 anos, absolutamente sem outras intenções que não realizar tais sessões, em caráter religioso, não se têm eles preocupado em efetuar registros, atas ou outras formas de documentação de tais ocorrências.

O caso "Ruytemberg Rocha" foi investigado, na ocasião, pelo Dr.Waltencir Linhares, porque este médico, cético e desejoso de melhor tomar contato com fatos espíritas autênticos, achou oportuno verificar a procedência das informações fornecidas pela personalidade comunicante. Naquela ocasião, Ruytemberg Rocha deu o nome de todos os seus familiares imediatos, inclusive o apelido de sua própria mãe. Muitos desses detalhes infelizmente foram esquecidos, por não terem sido anotados *in totum* na oportunidade, nem guardadas as poucas notas tomadas.

No dia seguinte à data da comunicação, o Dr.Waltencir Linhares tratou de verificar os jornais da época. Valeu-se da coleção da Biblioteca Municipal, pois tais periódicos já não circulavam mais. Pensa tratar-se do "*Correio Paulistano*" e, talvez, do "*A Nação*", ambos de São Paulo (não está seguro). As datas de publicação não são mais lembradas pelo Dr. Waltencir. Provavelmente, disse ele, entre 12 e 15 de agosto de 1932.

Dr.Castro, D.Maria e Dr.Waltencir também relataram que, naquela ocasião, chegaram a conhecer o endereço de uma irmã de Ruytemberg. Esta informação foi conseguida da seguinte forma: o Dr.Castro dirigiu-se à Escola Preparatória de Oficiais da Força Pública do Estado de São Paulo, localizada no distrito de Santana, Barro Branco. Lá, obteve a ficha-de-baixa do soldado Ruytemberg Rocha. O mesmo militar que lhe forneceu a referida ficha informou que a irmã de Ruytemberg Rocha era casada com um advogado, revelando-lhe o nome deste. Pela lista telefônica, encontraram o endereço, mas não se animaram a entrar em contato com a família do morto, não se sabe por quais razões. E, daí por diante, deixaram o caso no ponto em que o encontramos. Fazia isso cerca de 9 (nove) anos. Esqueceram-se, lamentavelmente, de anotar também estes detalhes, deles já não mais se recordando.

Durante a entrevista, lembrando mais alguns pontos do ocorrido, observaram que o comunicante (Ruytemberg), em se referindo à sua cidade de origem, designou-lhe o nome antigo: "*São João da Bocaina*". Era esse, em 1932, o nome da cidade. Na época da comunicação, o nome da mesma localidade já

havia sido mudado para Bocaina, simplesmente, detalhe este que julgamos muito interessante e importante.

Outro fato curioso é que o comunicante explicou ter sido conduzido àquela reunião pelo *espírito* de seu próprio pai, declinando-lhe o nome, bem como os da mãe (seu apelido, mais especificamente) e de uma irmã. Mas, no momento da entrevista, tampouco se lembraram desses detalhes.

No decorrer da entrevista, chegaram mais outras pessoas, algumas das quais haviam sido testemunhas do fato, pois pertenceram ao mesmo grupo de assistentes das sessões. São elas: Sr. Léo, esposo de D.Túlia (a médium), D.Túlia, que veio com o esposo (o esposo de D.Túlia é tio do Dr. Alfredo Castro). Finalmente, D.Rosália Brenga Passarelli, mãe de D.Maria e de D.Túlia (a médium). Estavam também presentes as três filhas do casal (Dr. Castro e D.Maria): Maria Cecília, Márcia e Paula Cristina, todas moças entre 16 e 20 anos de idade.

Posteriormente, por informação de D.Maria, ficamos sabendo que o Dr.Waltencir Linhares é, até hoje, muito cético com relação aos fatos paranormais. Como religião, ele professa o catolicismo. Sua esposa é materialista, o que também deve influir em seu comportamento.

Na mesma ocasião da entrevista, entreguei, para serem preenchidas, fichas de informações pessoais referentes aos que testemunharam a referida comunicação.

D.Túlia, a médium, é pessoa normal, aparentemente pouco expansiva, sendo que, paradoxalmente, manifesta certo ceticismo com relação às comunicações que ela própria obtém. Disse-nos que sente dúvidas relativamente à exatidão da identidade dos manifestantes. Talvez esse fato decorra da particularidade de ser médium inconsciente.

Todos os componentes do grupo são pessoas de bom nível sócio-econômico, realizadas, de educação superior (v.g. médicos, alguns) e sem preocupações outras, relativamente ao "*status quo*" de que normalmente usufruem.

São Paulo, 21 de maio de 1970

As 11 horas e 30 minutos

(a) **Hernani Guimarães Andrade**  
(relator)

**DEPOIMENTO DO DR.WALTENCIR LINHARES ATRAVÉS DE  
CARTA DIRIGIDA AO DR.ALBERTO LYRA, MÉDICO PSIQUIATRA E  
PARAPSICÓLOGO.**

*São Paulo, 19 de abril de 1969*

Dr. Alberto Lyra

*Sabedor de seu interesse pelos assuntos relacionados com a mente humana, e tendo participado de uma reunião espírita em que ocorreu um fenômeno não explicável pela ciência oficial, ao menos em meu entender, passo a relatá-lo:*

*1) Em novembro de 1961, provavelmente no dia 6, realizou-se na residência do Dr. Alfredo Castro, à Rua Guararapes nº 779, Capital, uma reunião espírita, com a presença das seguintes pessoas: Alfredo Castro (médico), Maria Aidê Castro (sua esposa), Léo Weinstock (comerciante), Túlia Weinstock (sua esposa), Sérgio dos Santos Penna (assistente social), Marina S. S. Penna (sua esposa), Anunciata Guaraldo (já falecida, e de prendas domésticas), Waltencir Linhares (médico), Yvette S. Linhares (sua esposa). Se outras pessoas havia não lhes recordo a presença.*

*2) Durante a sessão, a Sra. Túlia Weinstock, atuando como médium, entrou em transe, e passou a gemer, chorar, soluçar, mostrando-se, por gestos e palavras, inconformada com o fato de haver morrido tão jovem.*

*3) Indagada pelo Presidente da mesa, Dr. Alfredo Castro, quanto à causa de seus gemidos disse sentir muita dor na região supraclavicular esquerda, onde manteve a mão espalmada quase toda a sessão, local onde fora ferida mortalmente por estilhaço de granada.*

*4) Depois de acalmada e consolada pelo dirigente dos trabalhos, passou a falar mais claramente, e, ora espontaneamente, ora indagada, fez as seguintes afirmações:*

*a) que fora trazido à nossa reunião por uma pessoa muito amiga;*

*b) que falecera na Revolução de 1932, na frente de BURI, com o ferimento já referido;*

*c) que era aluno do 29 ano da Escola de oficiais da Força Pública, e como tal havia sido incorporado ao Batalhão Marcílio Franco;*

*d) que era natural de São João da Bocaina;*

*e) que seu pai se chamava Osório Rocha e sua mãe Julieta Simões, conhecida na intimidade por um apelido que não recordo;*

*f) que tinha uma irmã cujo nome deu e também não recordo;*

*g) e que seu nome era RUYTEMBERG ROCHA.*

*5) Nos dias imediatos o signatário e o Dr. Alfredo Castro fizeram, independentemente, duas pesquisas: o primeiro dirigiu-se à Biblioteca Municipal, e lá folheou 4 jornais cujos nomes não lhe ocorrem no momento, em suas edições diárias desde 9 de julho de 1932, até que encontrou, em um deles, cuja caracterização fica devendo, a notícia do falecimento em combate, na frente de BURI do aluno do 29 ano, da Escola de Oficiais da Força Pública,*

*RUYTEMBERG ROCHA, do Batalhão Marcílio Franco, com um ferimento na cabeça. Quanto ao Dr.Alfredo Castro, foi ao Quartel do atual Centro de Formação de Oficiais da Força Pública, e lá encontrou a ficha de RUYTEMBERG ROCHA, cuja fotocópia anexamos, em que se confirmam todos os dados de identidade fornecidos pela médium em transe.*

*6) Conforme se verifica, não foram investigados todos os elementos fornecidos. Todavia, entre aqueles investigados, não houve discordância em relação ao local do ferimento.*

*Entre as pessoas presentes à mencionada sessão, nenhuma se recorda jamais ter lido ou ouvido falar em RUYTEMBERG ROCHA, inclusive a Sra.Túlia Weinstock.*

*7) As demais testemunhas lembram um ou outro fato sobre a sessão, que não relatei por não recordar pessoalmente. Quanto ao que relatei, subscrevo sem hesitação, prometendo para breve, maiores detalhes sobre a notícia que pesquisei.*

*Atenciosamente,  
Waltencir Linhares*

## **DEPOIMENTO ESCRITO DE D.MARIA AIDÊ CASTRO**

*“Chamo-me Maria Aidê Castro, brasileira, natural de Sorocaba, Estado de São Paulo, nascida aos 27 de abril de 1921, casada há 22 anos com Alfredo Castro, médico, com quem comungo meus ideais religiosos desde o início de nosso casamento, pois antes eu era católica, formação religiosa que me fora dada pelos meus pais. Desde que me casei, portanto, passei a frequentar reuniões espíritas familiares, dirigidas que eram pelo meu sogro, Sr.Jorge Castro, falecido há 16 anos.*

*Depois que meu sogro desencarnou, as reuniões passaram a ser realizadas em nossa casa, dirigidas por meu marido, com as mesmas pessoas da família e não raras vezes se estendia a um número maior de assistentes, amigos que nos procuravam para troca de idéias ou informações a respeito das referidas reuniões.*

*Numa dessas sessões (não me recordo bem a data, mas lembro-me que foi bem no começo do mês de novembro de 1961), estávamos eu, meu marido, minha irmã Túlia, e meu cunhado Léo Weinstock aguardando a hora certa para começarmos os trabalhos que eram e ainda são iniciados às 20 horas e 30 minutos. Eu sentia como que desapontada pelo pequeno número de pessoas àquela reunião, pois nessa noite nem minha sogra (D.Cecília) nem minhas cunhadas (Clarita e Berta).puderam estar presentes, quando recebemos a visita do Dr.Waltencir Linhares e seus familiares, sua esposa Yvette, seu cunhado Sr.*



*Sérgio dos Santos Penna, assistente social, Marina sua esposa, e D. Anunciata Guaraldo tia das referidas senhoras, que vieram para assistir aos nossos trabalhos. Lembro-me que D. Anunciata havia perdido alguém da família e talvez tivesse vindo a essa sessão com o objetivo de saber alguma notícia. Convém ressaltar neste meu depoimento que em nossas reuniões espíritas jamais evocamos quem quer que seja.*

*Nessa noite, (novembro de 1961), aconteceu o fato que passo a relatar a pedido do Dr. Hernani Guimarães Andrade, estudioso e pesquisador da doutrina espírita como ciência, e o qual tive imenso prazer de conhecer através do nosso amigo Dr. Alberto Lyra.*

*Antes, porém, devo confessar que em nossas sessões espíritas, fatos como este que vou narrar (doutrinação) já faziam parte da rotina e como nunca anotamos o que se passava creio que perdemos belíssimo material para as pesquisas do momento.*

*A nossa reunião teve início às 20 horas e 30 minutos com a leitura de um trecho do "Evangelho Segundo o Espiritismo". Depois de pequeno debate sobre o trecho escolhido, foi feita a prece de abertura dos trabalhos. Alguns minutos de concentração e D. Túlia, médium de incorporação, entrou em transe passando a gemer, chorando e soluçando, não desesperadamente, mas de uma maneira muito sentida e comovente. Sinceramente pensei que se tratasse de algum conhecido ou parente falecido que buscasse alívio dentre seus familiares e chorasse talvez a saudade além da dor da separação.*

*Qual não foi porém a minha surpresa (e creio que também de todos os presentes) quando a entidade, interpelada pelo dirigente da mesa, foi falando como se estivesse lendo uma ficha, seu nome, filiação, etc.*

*Disse de início: "chamo-me Ruytemberg Rocha", nome que em absoluto eu nunca ouvira falar antes e nem sabia como se escrevia corretamente. "Sou aluno do 2º ano da Escola de oficiais da Força Pública do Estado de São Paulo e incorporado como 29º Tenente ao Batalhão Marcílio Franco. Nasci em 1908, em São José da Bocaina; meu pai chama-se Osório Rocha e minha mãe Julieta Simões. Tenho uma irmã que se chama (infelizmente não me recordo o nome). Estou aqui, trazido por meu pai e alguns amigos. Meu pai foi me buscar no campo de batalha onde fui atingido por estilhaço de granada (trazia sua mão aberta sobre o peito onde, dizia, sentia dor).*

*Sou combatente na revolução de 1932, na frente de Buri."*

*Houve uma pequena pausa e o dirigente da mesa lhe perguntou: - "Quando meu amigo foi para o campo de batalha, seu pai era falecido?" - "Não!", respondeu a entidade, muito surpresa.*

*Começou, então, o trabalho natural de doutrinação e quando a entidade tomou conhecimento de sua situação espantou-se, pois até então não sabia que havia morrido, e perguntou: "Em que ano nós estamos?" - "Em 1961", respondeu-lhe o dirigente da mesa. - "Já!!! Mas não é possível. Quase 30 anos!"*

-“Então o que aconteceu comigo!?, exclama admirada a entidade.”E minha mãe, onde está? Sabe, seu nome é Julieta e eu a chamava de LILITA”. (Não estou bem certa deste apelido que a entidade lhe dava, assim, na intimidade. Lembro-me que era no diminutivo). “E minha irmã? Tanto a queria!”

Depois de consolada e confortada pelo dirigente dos trabalhos, que esclareceu à entidade a sua condição como pertencente ao mundo dos espíritos, houve como que um alívio, uma calma, um bem estar próprio a quem procura e encontrou uma solução para seus problemas. Concordou com certa satisfação em se afastar em companhia de nossos amigos do espaço. Fizemos uma prece para encerrar os trabalhos dessa noite e o resto transcorreu normalmente.

Porém, tanto meu marido quanto o Dr.Linhares prometeram verificar a veracidade dessa comunicação porque acharam que os dados fornecidos haviam sido de extraordinária clareza.

Meus agradecimentos ao Dr.Hernani pela oportunidade que me ofereceu de contar um fato que vem mais uma vez provar a sobrevivência da alma e sua comunicabilidade com os encarnados. Este, a meu ver, foi um fato extraordinário.

(a) Maria Aidê Castro São Paulo,24 de maio de 1970” (Sic)

## **DEPOIMENTO ESCRITO DO DR. ALFREDO CASTRO**

São Paulo,23 de maio de 1970

-“Uma prova irrefutável da sobrevivência, comunicabilidade dos espíritos e sua identificação’.

Por solicitação do Dr. Hernani Guimarães Andrade, tenho a satisfação de fazer este relato, da comunicação de um espírito que, dando a sua identificação, contando a história de sua vida,. nos permitiu uma completa e justa comprovação de sua existência na terra, em todos os detalhes, sem uma falha sequer, nos trazendo muita alegria e mais confiança ainda na nossa verdadeira vida, a espiritual.

O Grupo Familiar Espírita de Evangelização no Lar, organizado por nossos familiares, reúne-se uma vez por semana, em minha residência, há muitos anos, mais de 30, desde a época quando meu pai, de nome Jorge de Castro, falecido em 1954, o ha via organizado e o dirigia.

Após o desencarne de meu pai, eu (Alfredo de Castro, médico, nascido a 11 de julho de 1916, no Rio de Janeiro) assumi a direção desse grupo familiar espírita e o venho dirigindo até hoje.

*Os nossos freqüentadores são nossos parentes, amigos espíritas ou não, curiosos que vêm pela primeira vez a um contato com as idéias espíritas. Variam muito, nem sempre são os mesmos. Os nossos familiares e nossos médiuns, sim, quase sempre estão presentes.*

*A reunião que vamos narrar passou-se em minha residência, na cidade de São Paulo, capital do Estado de São Paulo, no Bairro Alto da Lapa, à Rua Guararapes, 779, às 20h e 30min. (hora costumeira de nossas reuniões), no dia 6 de novembro de 1961.*

*Estavam presentes à reunião desse dia 6 de novembro de 1961:*

- 1) Eu, que este relatório escrevo;*
- 2) Dona Maria Aidê Castro, minha esposa;*
- 3) Dr. Waltencir Linhares;*
- 4) Dona Yvette Linhares;*
- 5) Sr. Sérgio dos Santos Penna;*  
*Dona Marina S.S. Penna, sua esposa;*
- Dona Anunciata Guaraldo;*
- 8) Sr. Léo Weinstock e*
- 9) Dona Túlia Weinstock, esta, a médium sensitiva.*

*A nossa reunião espírita sempre tem duas partes. Uma primeira, de leitura evangélica espírita, debates sobre algum tema em pauta e a seguir as orações evangélicas cristãs, seguindo-se a parte dedicada ao intercâmbio com o mundo espiritual, quando contamos com a presença de médiuns.*

*Nesse dia, contávamos com a presença da Sra. Túlia Weinstock, médium de nosso grupo, desenvolvidas as suas faculdades entre nós, irmã de Dona Maria Aidê Castro, portanto minha cunhada.*

*As qualidades mediúnicas de Dona Túlia são: médium falante, incorporação, podendo estar no momento do transe semi-consciente ou totalmente inconsciente. Pode também receber mensagens por intuição.*

*Ao iniciarmos a segunda parte de nosso trabalho, nesse dia, notamos que a médium (Dona Túlia) foi apresentando sinais de transe mediúnico suave, sem esforço ou movimentos, a não ser o de respiração, que se tornava mais intensa e profunda, atingindo, a nosso ver, um estado de inconsciência.*

*Ao notar que ela (a médium) estava "tomada" (termo espírita que significa a presença de um espírito agindo sobre a médium) dirigi a palavra a essa entidade espiritual, dando margem a um início de conversação.*

*Desse momento em diante a entidade comunicante passou a ter melhor controle de suas emoções, permitindo uma calma na fisionomia da médium, respiração normal, atitude corporal adequada, e iniciou a falar com voz pausada, suave, demonstrando uma firmeza e decisão em tudo o que desejava mesmo sem*

*ser por nós inquirido ou solicitado. Foi praticamente uma narração espontânea o que valorizou demais o fenômeno.*

*Iniciou sua conversa se apresentando, dizendo ser um oficial combatente da Força Pública do Estado de São Paulo, um Tenente a serviço da revolução de 1932, incorporado ao batalhão "Marcílio Franco" e que estava em operação militar, pela revolução, na frente de Buri, dentro do Estado de São Paulo. Falou sobre o seu comandante, dando o nome, por nós confirmado mais tarde e do qual não tenho anotações.*

*Dizia estar ferido. Recebeu estilhaços de granada na altura do peito, onde sentia dores. Não sabia que era morto, um desencarnado como falamos. Sentia-se como vivo e, nos perguntando a data (6-11-1961), muito se admirou, exclamando: -Já se passaram quase 30 anos!"*

*- "Chamo-me Ruytemberg Rocha. Nasci em São João da Bocaina, em 1908. Meu pai tem o nome de Osório Rocha. Minha mãe, de Julieta Simões. Tenho uma irmã", (não guardamos o nome da irmã, e a memória agora nos falha). Referia-se a seus familiares com palavras amáveis e sensíveis. Possivelmente características de sua personalidade.*

*Falou do apelido familiar da mãe (possivelmente LILITA, não temos anotações, confiamos na memória).*

*Informou-nos que seu pai (Osório Rocha) é quem o acompanhava naquele momento e lhe estava proporcionando aquele encontro, aquela recuperação, com uma compreensão do seu estado e da vida espiritual.*

*Por nós interrogado, informou que o pai ainda era vivo em 1932, no período da revolução, portanto na época de sua acidentada morte. Agora, no entanto, ambos estavam novamente juntos.*

*Continuando a mostrar bom senso e compreensão, falamos a respeito da utilidade e bom proveito que nossa confabulação lhe vinha trazer, definindo dali para frente o seu verdadeiro estado d'alma.*

*Mostrando-se muito agradecido pela nossa acolhida, aceitando muito bem as nossas idéias sobre a vida espiritual, nos disse que seu pai já o chamava e que deviam partir. Agradeceu a todos, mostrando-se bastante sensibilizado por tudo o que se passou entre nós, pela boa acolhida e esclarecimento recebido.*

## **2ª PARTE – COMPROVAÇÃO DOS FATOS**

A exuberância dos detalhes fornecidos pela entidade manifestante nos deixou satisfeitos e ao mesmo tempo preocupados. Anotamos todas as informações, à medida que nos iam sendo revelados, e desde logo nos propusemos, nos próximos dias de averiguar em fonte adequada, aquilo que poderia ser um verdadeiro fenômeno de comunicação dos mortos.

*No dia 11 de novembro de 1961, no primeiro sábado após a reunião, aproveitamos a manhã livre para irmos até o bairro da Cantareira, nesta capital,*

onde está localizada a Escola Preparatória de Oficiais da Força Pública, escola esta que dizia ter pertencido a entidade manifestante de nome Ruytemberg Rocha, como aluno oficial do 2º ano.

Ali chegando, solicitamos a presença do oficial do dia, sem a ordem do qual não poderíamos iniciar a nossa visita, que era a de obter dados e informações sobre ex-alunos, combatentes de 1932, desse colégio militar, já falecidos.

Responde-nos o oficial: -"isto para nós é fácil, pois se tratando de nossos heróis da revolução, temos tudo arquivado. Segundo diz, informações sobre quem?"

Quando lhe falamos que desejávamos saber algo sobre o tenente Ruytemberg Rocha, ele abriu largo sorriso, e estendendo os braços disse: "Recentemente lhe prestamos uma homenagem, esta avenida principal de nossa escola tem seu nome: Tenente Ruytemberg Rocha, herói falecido em combate." E prosseguindo: -"vamos até a secretaria, nos nossos arquivos encontraremos sua ficha de identificação."

Acompanhamos o oficial até o andar superior. Ali ele solicitou a presença de um sargento ajudante, dando ao sujeito a ordem: -"Veja no arquivo dos alunos oficiais desta escola, falecidos em 1932, na revolução, a ficha do Tenente Ruytemberg Rocha."

A nossa sensação de apreensão, com um misto de curiosidade e satisfação aumentava a cada instante. Queríamos ver essa ficha e constatar a veracidade dos dados que trouxemos, comprovar a real existência daquela criatura. Tudo foi um momento de expectativa. De posse da ficha tivemos o prazer deter um a um todos os dados pessoais do Tenente Ruytemberg Rocha. Todos confirmam as suas revelações. Tudo igual. Tudo certo. Nada falhara.

Pedi ao Tenente Secretário, Sr.Mário de Jesus Cordeiro, uma cópia daquela ficha pessoal,o que imediatamente foi feito e assinado por ele. Esta ficha está aqui, anexa a este relatório.

Não revelamos ao Tenente Mário de Jesus Cordeiro os motivos exatos da nossa investigação, apenas que desejávamos a orientação que a ficha nos dava. Assim mesmo, ele nos informou que a irmã do Tenente Ruytemberg Rocha era casada e morava em São Paulo, Capital, fornecendo-nos também o nome de seu esposo. (Este nome apesar de anotado por nós, atualmente não lembramos, mas chegamos a localizá-lo na lista de assinantes de telefones da CTB desta capital). Após os agradecimentos nos retiramos da Escola de Oficiais.

## **CONCLUSÃO.**

Pela comunicação dos espíritos e sua total prova de sua existência na Terra, achamos que o fato é essencialmente puro, sem defeitos e nem erros.

*Nenhuma das pessoas presentes na reunião teve qualquer ligação ou conhecimento com o manifestante, seus familiares ou prováveis conhecidos.*

*Que na época da morte do comunicante, Tenente Ruytemberg Rocha, em 1932, quase todos os participantes da reunião estavam em idade escolar primária sem qualquer probabilidade de se inteirar de fatos políticos gerais, e muito menos de fatos particulares assim, e moravam em localidades diversas longe desta Capital.*

*Cremos que nada poderá refutar esta prova de comunicação dos espíritos e mostrar a sobrevivência da alma.*

*Tudo o que acabo de narrar testemunho e dou fé.*

*São Paulo, 25 de maio de 1970  
(a) Alfredo Castro” (Sic)*

## **INVESTIGAÇÕES POSTERIORES VISANDO A DESCOBRIR AS POSSÍVEIS FONTES NORMAIS DE INFORMAÇÃO QUE EVENTUALMENTE TIVESSEM SERVIDO À MÉDIUM PARA A OBTENÇÃO DOS DADOS SOBRE O FALECIDO RUYTEMBERG ROCHA**

No intuito de, preliminarmente, descobrir as possíveis fontes normais de informação que eventualmente pudessem ter servido à médium para obter dados sobre o falecido Ruytemberg Rocha, iniciamos contatos sucessivos com as outras testemunhas e com a própria D. Túlia.

Em uma das entrevistas, procuramos obter respostas a um questionário, admitindo a eventualidade de ter havido difusão da notícia pelos jornais, em 1932, e posteriormente a esta data. Conforme explicou o Dr. Waltencir Linhares, ele pode encontrar na Biblioteca Municipal dois jornais que noticiaram a morte de Ruytemberg Rocha.

Consideramos improvável que D. Túlia (a médium), por uma ou outra razão, se desse ao trabalho de ir, antes, à mesma Biblioteca Municipal, a fim de colher informes. Trata-se de pessoa de ótimo padrão social e de evidente senso moral, para prestar-se a uma fraude grosseira e consciente. Além disso, ela exerce a profissão de massagista, tendo seu tempo praticamente todo ocupado. Seria de frágil lógica supor-se que fosse perder tempo com fantasias tais. Dos vários contatos que tivemos com D. Túlia, pudemos observar seu natural retraimento, seu equilíbrio e sua refinada educação. No tocante às suas faculdades mediúnicas, mostra-se algo cética e até mesmo contrária da por se ver solicitada a participar de sessões. Disse-nos ela que, por ser inconsciente durante seus transes, fica preocupada e sente-se até um tanto frustrada, pois não tem controle sobre o que diz e faz nessas ocasiões. Entretanto, tem-se prestado como médium, sobretudo para atender aos pedidos dos parentes e amigos que freqüentam tais reuniões, tendo em

vista o caráter religioso das mesmas, a satisfação e o consolo que suas comunicações propiciam aos demais. Por sua própria vontade, jamais o faria, pois, em vista do que alega em restrição, não se sente bem.

Não obstante tais circunstâncias, admitimos, "a priori", a possibilidade de um registro inconsciente de notícias sobre o episódio, por parte da médium, e sua exteriorização dramática durante o referido transe (criptomnésia).

Embora, em 1932, os meios de comunicação, no Estado de São Paulo, fossem precários devido à Revolução, bem como praticamente inoperante as vias de informação, seja através do rádio, seja pelos escassos jornais, procuramos analisar a viabilidade da hipótese acima. Organizamos o questionário que transcrevemos a seguir:

### **QUESTIONÁRIO PROPOSTO, DIA 28 DE MAIO DE 1970:**

1 Quais as cidades onde D. Túlia residiu ou esteve em visita, antes de vir para São Paulo ?

R D.Túlia nasceu em Sorocaba,Estado de São Paulo,em 6 de março de 1920.Sempre residiu nessa cidade.Jamais saiu de Sorocaba em visita a outras cidades.Em 1944,por ocasião do seu casamento passou a morar em São Paulo (Capital do Estado de São Paulo). Não costumava viajar. **(Informantes: Dr.Alfredo Castro, D.Maria Aidê Castro e D. Rosália Brenga Passarelli (mãe de D. Túlia).**

2 - Quais as cidades onde residiu o Sr.Léo Weinstock, esposo de D. Túlia ?

R -O Sr. Léo Weinstock veio da Romênia, Europa, em 1924, aos 15 anos de idade,indo residir em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, onde permaneceu até 1933. Daí passou a viver em São Paulo (Capital do Estado de São Paulo). Em 1940, foi morar em Sorocaba, onde conheceu D. Túlia. Casou-se em 1944 e instalou-se definitivamente em São Paulo, onde mora até hoje. **(Informantes: Dr. Alfredo Castro e sua esposa.)**

3 -D. Túlia e o Sr. Léo Weinstock teriam, em alguma ocasião visitado Bocaina?

R -Não,nem sabiam,antes da ocorrência do caso de Ruytemberg Rocha, a exata situação dessa cidade. **(Informantes: Dr. Alfredo Castro e sua esposa).**

4 -Das testemunhas que integravam a reunião quais as que conheciam Bocaina ?

R -Ninguém do grupo, nem mesmo alguém relacionado com tais pessoas tinha estado em Bocaina. Depois do ocorrido é que procuraram conhecer a exata localização dessa cidade. **(Informantes: Dr. Alfredo Castro, Dr.Waltencir Linhares e D. Maria Aidê).**

*P -Por ocasião da "Revolução Constitucionalista", em 1932, qual era a idade de cada participante da sessão em que ocorreu a "comunicação de Ruytemberg Rocha" ?*

R -Sr.Léo Weinstock 23 anos

D. Túlia Weinstock (médiun) 12 anos

Dr. Alfredo Castro 16 anos

D. Maria Aidê Castro 11 anos

Dr. Waltencir Linhares 10 anos

D. Yvette S.Linhares 5 anos

Sr. Sérgio dos Santos Penna 1 ano

D. Marina S.Penna (não era nascida) -4 anos

D. Anunciata Guaraldo (falecida) 46 anos **(Informantes: Dr. Alfredo Castro e sua esposa).**

**6** -Dos componentes do grupo, quais os que liam ou se recordavam dos jornais da época da "Revolução Constitucionalista de 1932" ?

R -Por serem quase todos ainda crianças em 1932, não se davam à leitura de jornais. Além disso, devido às dificuldades ocasionadas pelo movimento revolucionário, não havia fácil difusão de notícias e os jornais, então muito escassos, raramente alcançavam as cidades do interior do Estado de São Paulo. **(Informantes: Dr. Alfredo Castro, sua esposa e Dr. Waltencir Linhares).**

### **PERGUNTAS FORMULADAS A D.TULIA WEINSTOCK (MÉDIUM) E AO SEU ESPOSO, SR. LÉO WEINSTOCK, DIA 9 DE JULHO DE 1970 (DATA DO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE SÃO PAULO).**

No dia 9 de julho de 1970, marcamos, propositalmente, uma entrevista com algumas testemunhas, na residência do Dr.Alfredo Castro.

Procuramos observar, através de conversa informal, qual o grau de interesse e atenção das pessoas daquele grupo em relação ao evento ligado à história de São Paulo e ao caso Ruytemberg Rocha.

Notamos que todos os presentes se mostravam naturalmente alheios ao significado da data. Observamos que não estavam atentos à relação do caso Ruytemberg Rocha com a data de 9 de julho, ficando surpresos, quando, ao final da entrevista, fizemo-los lembrar do fato.

Formulamos algumas perguntas a D.Túlia e seu esposo Sr. Léo e gravamos, nesse dia, extenso depoimento verbal de ambos. No correr deste relatório. transcrevemos apenas dois tópicos dessa gravação.

As perguntas relevantes formuladas durante a entrevista foram as seguintes:

P -Quais os jornais que o Sr.Léo e D.Túlia lêem preferencialmente ?



R -Não são dados à leitura sistemática de jornais, nem mesmo assinam periódicos

P -Anteriormente, assinavam ou se interessavam pela leitura de jornais ?

R -Não; sempre foram indiferentes à leitura de jornais. Seus afazeres absorvem grande parte de seu tempo. Preferem notícias obtidas através de rádio ou televisão.

## **A RUA DE SÃO PAULO QUE TEM O NOME DE RUYTEMBERG ROCHA**

Pelo relato do Dr.Alfredo Castro, sabe-se que o Tenente Mário de Jesus Cordeiro informarão haverem homenageado Ruytemberg Rocha, dando seu nome a uma das ruas do Bairro de Santana, em São Paulo.

Formulamos a hipótese de que ao ser fixada tal placa, a mesma contivesse dados informativos acerca do homenageado. Outro fato possível seria a eventual publicidade em torno da cerimônia.

Procuramos localizar a referida rua e verificar-lhe a placa. Pessoalmente, visitamos a citada via pública e pudemos ver a placa. O nome que lá figura é apenas "Rua Tenente Rocha". Não há nenhuma outra indicação ou outra rua, em São Paulo, com o nome igual, ou semelhante, ao de Ruytemberg Rocha A via pública em questão fica no bairro de Santana e começa na Rua Dr.Cezar, 1053. Informações posteriores, obtidas na Prefeitura de São Paulo, indicaram que o nome da "Rua Tenente Rocha" não estava nem mesmo oficializado por Lei ou Decreto Municipal. Foi colocada, a referida placa, talvez por amigos particulares que desejaram homenagear o Tenente Rocha (Ruytemberg Rocha) Este fato não é incomum em São Paulo.

Quanto à publicidade do fato, não conseguimos encontrar nenhuma pista que nos indicasse ter havido publicações,em jornais ou outros órgãos de divulgação, da referida cerimônia.

## **PESQUISA DA LITERATURA VERSANDO SOBRE A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932**

Consultamos pessoalmente as seguintes obras referentes à Revolução Constitucionalista de 1932:

- ANDRADE, HORÁCIO DE – “Tudo por São Paulo”, São Paulo, editado pelo autor, 1933;

-LEVY, HERBERT V. – “A Coluna Romão Gomes”, São Paulo, Livraria Acadêmica, 1933;

- LESSA, ORÍGENES – “Não Há de Ser Nada”, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933;
- MELLO, ARMON DE – “São Paulo Venceu”, Rio, Editora Flores & Ma no, 1933, 2a. edição;
- NEVES, JOAO – “Por São Paulo e pelo Brasil”, São Paulo, editado pelo autor, 1932;
- OSORIO, MANOEL – “A Guerra de São Paulo”, São Paulo, Empresa Editora Americana, 1932;
- SILVA, Coronel HERCULANO C. – “A Revolução Constitucionalista”, Rio, Civilização Brasileira Editora, 1932;
- SANTOS, AMILCAR SALGADO DOS – “A Epopéia de São Paulo em 1932”, São Paulo, editado pelo autor, 1932.

Nestas obras, não encontramos referências nem elementos que pudessem fornecer os detalhes minuciosos sobre o Capitão Ruytemberg Rocha, e que foram revelados pela "médium" em transe.

Os livros sobre a "Revolução Constitucionalista" de São Paulo acham-se praticamente esgotados, desde há muito tempo. Não são facilmente encontrados em livrarias.

Mesmo que D.Túlia tivesse acesso a essa literatura, supondo-se que, em alguma outra obra, não vista por nós, existissem dados sobre o falecido Ruytemberg Rocha, não acreditamos, pelo teor das obras que compulsamos, houvesse minúcias tais como o apelido da mãe do herói revolucionário. Os livros em questão tratam, em sua maioria, das operações de guerra e não da biografia dos revolucionários. Assim nos pareceram os que analisamos e cujos títulos mencionamos linhas atrás.

Todavia, pudemos encontrar duas obras, além das citadas, que faziam referências ou sobre Ruytemberg Rocha ou ao "Batalhão Marcílio Franco", ao qual ele pertencera: CAMARGO, AUREO DE ALMEIDA – “A Epopéia”, São Paulo, Livraria Acadêmica, 1933; p.72: “(...) o *Batalhão Marcílio Franco* ficou reduzido à metade ou menos (...)”

Nesta obra, não há menção a Ruytemberg Rocha.

Outro livro, “Cruzes Paulistas”, editado pela "Campanha Pró-Monumento e Mausoléu do Soldado Paulista de 32", São Paulo, 1936, contem a maior soma de informações biográficas sobre Ruytemberg Rocha.. À página 409 do referido livro, lê-se o seguinte:

*“RUYTEMBERG ROCHA (Força Publica)*

*Alumno do Curso de Officiaes da Força Publica, partiu para o sector Sul, como Capitão, logo no começo da campanha. Em Bury, dia 26 de Julho, quando em combate, recebeu uma bala na cabeça, morrendo imediatamente. Foi*

*sepultado no cemitério velho de Bury. Esse combate, um dos mais duros daquela frente, durara nada menos que dezessete horas.*

*Dados Biographicos - Nascera Ruytemberg em S.João da Bocaina a 19 de Janeiro de 1908, filho do Sr. Ozorio Rocha e de d. Julieta Simões Rocha. Era irmão de José Euriderval, Olinda, Ladidopeia e Servio. Era solteiro." (sic)."*

Como pode ver-se, aquela página do referido livro contém grande parte das informações prestadas pela médium em transe. Todavia, falta o "apelido" da mãe. Além disso, a informação dada pela médium discrepa nos seguintes pontos:

- a) A "causa mortis" foi ferimento por bala na cabeça. A médium informou ter sido por estilhaço de granada, e acusava dores na região supraclavicular esquerda (ou no peito);
- b) A página transcrita revela que Ruytemberg partira para o setor sul, como Capitão. A médium em transe informou que era aluno do 2º ano da Escola de Oficiais da Força Pública, e, como tal, havia sido incorporado ao Batalhão Marcílio Franco. Tal informação, além de discrepante, falta ao contexto da página 409 do livro.

O Livro "Cruzes Paulistas" é um grosso volume, de 516 páginas, contendo 633 pequenas biografias de participantes ativos falecidos na Revolução de 1932. Foi editado, em 1936, com o objetivo de angariar fundos para a construção do "Monumento e Mausoléu ao Soldado Paulista de 32". Desta primeira e única edição foram feitos 100 (cem) exemplares em papel de linho, 500 (quinhentos) em papel "bouffon" e 2000 (dois mil) em papel acetinado; ao todo, 2600 (dois mil e seiscentos) exemplares. Nem todos foram vendidos, restando, ainda, muitos em estoque. O exemplar que adquirimos, em papel "bouffon", tem o número 154; data de compra: 13/08/1970.

Esse livro é pouco conhecido atualmente, bem como as outras obras congêneres lançadas naquela ocasião. A maior parte das consultas feitas sobre tal bibliografia foi conseguida nos arquivos da "Sociedade Veteranos de 1932 - M.M.D.C.", na Rua Anita Garibaldi nº 25, São Paulo, e na Biblioteca Municipal de São Paulo. Os livros sobre a Revolução de 1932, especialmente os editados à época, já não se encontram facilmente nas livrarias. O exemplar de Cruzes Paulistas foi por nós obtido na sede da "Sociedade Veteranos de 32 - M.M.D.C." Outra obra menciona apenas o nome de Ruytemberg Rocha, à página 122: GAGINI, Tenente PEDRO – "Fragmentos da História da Polícia de São Paulo", São Paulo, Ed. Príncipe, 1966 (a data é posterior à da sessão, que ocorreu em 1961).

## **PESQUISA DO NOTICIÁRIO NOS JORNAIS**

Incumbimos várias pessoas de levar a efeito uma pesquisa no noticiário dos jornais,concernente à Revolução de 1932.

Pesquisaram na Biblioteca Municipal o Prof. Apolo Oliva Filho e sua esposa, Sra.Neyde Gandolfi Oliva. Esses pesquisadores consultaram o jornal, cujo noticiário é o mais completo, e que é considerado o principal órgão da imprensa paulista: "O Estado de São Paulo". Foram examinados os números deste periódico relativos aos dias 8, 9, 10 e 11 de julho, dos anos 1932 a 1946, e os correspondentes ao período de 9 de julho de 1932 a 30 de setembro de 1932. Foram encontradas por esses pesquisadores apenas as seguintes referências a Ruytemberg Rocha e ao "Batalhão Marcílio Franco."

### **RELATÓRIO DO PROF. APOLO OLIVA FILHO E SUA ESPOSA, D.NEYDE GANDOLFI OLIVA.**

**“INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISAS PSICOBIOFÍSICAS – IBPP**

Caso: RUYTEMBERG ROCHA

**Local da Pesquisa:** BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Data : 9 de outubro de 1970.

**Pesquisadores:** Apolo Oliva Filho e Neyde Gandolfi Oliva.

**Jornais consultados:** "O ESTADO DE S. PAULO" relativos ao período de 09/7/1932 a 30/9/1932.

Jornal "**0 ESTADO DE S. PAULO**" de 181811932 - p. 3 - 5a. feira:

#### ***“AÇÃO DO BATALHÃO “MARCÍLIO FRANCO” NO SUL (...)***

Nesse combate memorável perdemos apenas três homens, entre eles o bravo Capitão Ruytemberg que morreu sorrindo nos braços do Sargento Iracy Arruda Malheiro, depois de abater mais de "10" jagunços a tiros de fusil. (...)

OBS.- Do corpo desse noticiário se infere que o Cap. Ruytemberg morreu no dia 25 de julho de 1932 em combate que durou quase 40 horas de fogo, na frente de Buri.”

Jornal : **“0 ESTADO DE S.PAULO”** de 10/ 7/1932 - p.12:

Título de manchete:

## **"NO CEMITÉRIO SÃO PAULO"**

*"Tocante cerimônia realizada por ocasião do sepultamento dos restos mortais de voluntários tombados no movimento constitucionalista"*

### **"CAPITÃO RUYTEMBERG ROCHA"**

*"Pouco depois chegava ao cemitério uma comissão conduzindo uma urna com os restos mortais do Cap.Ruytemberg Rocha do "Batalhão Marcílio Franco", tombado em combate no setor de Buri e que foi também inhumado no túmulo dos soldados de 32.*

*Essa comissão chefiada pelo Coronel Marcílio Franco compunha-se da oficialidade do referido Batalhão, da progenitora do malgrado constitucionalista D.Julietta Rocha, de uma representação de ferroviários da Sorocabana e de numerosos ex-combatentes daquela unidade das forças constitucionalistas" (...)"*

## **RELATÓRIO DO SR. FAUSTO GORGUEIRA**

Outro pesquisador incumbido por nós, o Sr. Fausto Gorgueira, examinou os exemplares dos dias 27 de julho a 12 de agosto do ano de 1932, correspondentes aos seguintes jornais : "Diário de S.Paulo", "Diário Nacional", "Diário Popular", "Diário da Noite", "Estado de S.Paulo", "Folha da Noite" e "Última Hora". Em seu relatório, o Sr.Fausto Gorgueira declarou:

*"Não encontrei, no noticiário desses periódicos nenhuma informação ou notícia referente a Ruytemberg Rocha ou ao 'Batalhão Marcílio Franco'. outrossim, comuniquei que nos mesmos fala-se muito pouco da 'Frente Sul', seus comentários referem-se quase que tão somente a 'Frente Norte' e 'Túnel'."*

## **NOTÍCIAS DIVERSAS OBTIDAS PELO AUTOR**

Pessoalmente, conseguimos obter recortes de jornais em que se mencionavam passagens acerca de Ruytemberg Rocha e do "Batalhão Marcílio Franco". O jornal "A Gazeta" publicou, na primeira página de seu número do dia 30 de julho de 1932, uma entrevista do soldado Urbano Rabello Filho, pertencente ao "Batalhão Marcílio Franco", o qual se referiu à morte de Ruytemberg Rocha nestes termos:

*"O meu batalhão, como era natural, sofreu um pouco. Morreu, como um bravo que era, o capitão Guttemberg ao lado de quem tombou um soldado de cujo nome não sei." (sic)*

Como se vê, o entrevistado ou não deu o nome correto de Ruytemberg, confundindo-o com Guttemberg, ou foi mal entendido pelo repórter da notícia. o mesmo periódico, "A Gazeta", publicou, em 13 de julho de 1954, uma notícia sobre Ruytemberg Rocha:

"Em 32

*A morte do tenente Ruytemberg em Buri.*

*Esteve ontem, nesta redação, um nosso leitor, participante da Revolução de 32, que nos relatou as circunstâncias de coragem e desprendimento em que perdeu a vida em Buri, o tenente de cavalaria da Força Pública, Ruytemberg. Aquele valente oficial, durante uma das cruentas batalhas ali travadas, presa de entusiasmo e vibração cívica, saltou, em dado momento, para fora da trincheira, em que se abrigava, dando ordem de avançar aos seus comandados. Foi quando o atingiu, na frente, uma bala inimiga, prostrando-o morto, no cumprimento do dever.*

*Sepultado lá mesmo, em Buri, foram seus ossos transportados para esta Capital há cerca de 10 anos, tendo-se encarregado desse trabalho a milícia bandeirante, que os fez inhumar junto ao túmulo do General Salgado, no Cemitério São Paulo.*

*Contudo, embora tenha sido promovido "post mortem" ao posto de capitão, em reconhecimento ao seu valor, não tem seu nome inscrito, na lápide da sepultura, ao contrário do que sucede com os outros heróis que ali jazem. Esse reparo, aliás justo, que faz nosso leitor, ao mesmo tempo que lança um apelo para que seja corrigido o esquecimento." (sic)*

Outro recorte do jornal "Correio Paulistano", do dia 4 de julho de 1957, traz a seguinte nota a seu respeito:

### **"BATALHÃO MARCÍLIO FRANCO"**

*"Programa das festividades organizado pelos componentes do 29 Batalhão Auxiliar da Força Pública:*

*Dia 9, às 9 horas: Missa solene na Igreja de "Santa Margarida Maria" sita à Av. Lins de Vasconcelos - ponto final do ônibus elétrico 205; em seguida romaria ao Cemitério de Vila Mariana, em visita aos túmulos (dos) comandante Marcílio Franco, sub-comandante José Estanislau da Cunha e Tenente almozarife Avelino de Souza Teixeira, onde serão depositadas coroas e flores. Nessa ocasião será feita a chamada simbólica dos componentes do Batalhão que tomaram no campo da luta em defesa da Ordem, da Lei e da Liberdade, que são os seguintes:*

*Capitão Ruytemberg Rocha*

*Tenente Mário Hilário Dallari*  
*Benedito de Araújo*  
*Bernardo Nunes*  
*Francisco Vieira*  
*Higino Messa*  
*João de Paula Franco*  
*Jorge Mansen*  
*Merchiades Nery*  
*Luiz França.*

*Concentração no Ibirapuera "Monumento-Mausoléu". Grande desfile em continência aos heróis, patrocinado pela Sociedade Veteranos de 32 - MMDC; almoço de confraternização, que será presidido pelo major Ildefonso Ferreira Mendes." (sic)*

Nesta notícia, como se vê, há apenas a relação entre o nome do "Batalhão Marcílio Franco" e o de Ruytemberg Rocha, sendo que, ali, figura como sendo capitão.

#### PESQUISA DA SRT<sup>a</sup>. EPONINA MELE PEREIRA DA SILVA

Na redação de "O Estado de S.Paulo", foi feita uma pesquisa pela Srta. Eponina Mele Pereira da Silva, visando a encontrar a notícia da morte da mãe de Ruytemberg Rocha, ocorrida a 30 de maio de 1960. Suspeitávamos de que a médium pudesse ter registrado inconscientemente dados biográficos sobre aquela personagem, oriundos do necrológio de D.Julietta Simões, sua genitora. O número de 3 de junho de 1960 traz a notícia do falecimento daquela senhora:

*"D.JULITA SIMÕES ROCHA - Faleceu no dia 30 de maio nesta Capital, aos 80 anos, d. Julita Simões Rocha, viúva de Osorio Correa da Rocha. Deixa os filhos d. Ladypopeia Simões Rocha, Euryderbal e José Garcia Simões da Rocha, casado."(sic).*

Nenhuma referência foi feita a Olinda e aos demais filhos falecidos, muito menos a Ruytemberg Rocha. Todavia, o nome Julita, e não Julieta, estava publicado na notícia do falecimento da referida senhora. Achamos pouco provável que se pudesse estabelecer relacionamento entre Ruytemberg e D. Julita, advindo daí a questão do apelido que a médium teria mencionado.

Embora reconheçamos que a pesquisa feita até aqui sobre a literatura e o noticiário não haja abrangido a totalidade do material que foi publicado e, possivelmente, existente, não acreditamos que pudesse ter servido como fonte para

a completa obtenção de todas as informações fornecidas pela médium naquela ocasião. Daí, termos dado por encerrada esta parte da pesquisa.

Outro fator que nos levou a esta iniciativa foi a dificuldade na obtenção desses elementos informativos. Se a médium tivesse, propositadamente, tentado reunir as referidas fontes de informação, haveria de empregar, nessa operação, o mesmo tempo, se não muito mais, que empregamos. Reconhecemos que teria sido uma tarefa acima de suas possibilidades, além de injustificável, pois não corresponderia aos modestos resultados esperados da referida sessão mediúnica.

Procuramos prosseguir, ouvindo outras testemunhas, bem como tentando descobrir as pessoas que eventualmente tivessem conhecimento do caso. Teríamos assim, outras pistas.

### **DEPOIMENTO DO SR. WASHINGTON MARCÍLIO FRANCO, FILHO DO COMANDANTE DO "BATALHÃO MARCÍLIO FRANCO" E EX-COMPANHEIRO DE TRINCHEIRA DE RUYTEMBERG ROCHA.**

Nosso primeiro contato com o Sr. Washington M. Franco foi por telefone, dia 23 de julho de 1970, às 10 horas e 30 minutos. Disse-nos, então, que poderia proporcionar-nos uma entrevista pessoal, no "Clube Piratininga", na Praça Ramos de Azevedo, 206, 29 andar, São Paulo.

Durante o primeiro contato por telefone, aos 23 de julho, afirmou que conheceu pessoalmente Ruytemberg Rocha e que o vira morrer na trincheira:

*- "Ao pôr-se de pé para incitar seus comandados a avançar, recebeu um tiro mortal na cabeça, falecendo logo a seguir. Isso passou-se na frente de Buri.*

*Ruytemberg foi enterrado no próprio local (Cemitério de Buri) onde estava combatendo. Posteriormente, seus despojos foram transferidos para o "Cemitério São Paulo", em São Paulo. Dali, passaram para o "Mausoléu do Soldado Constitucionalista".*

O Sr. Washington forneceu-nos, também, o endereço da sede da "Sociedade Veteranos de 1932 - MMDC", onde seu amigo, o Cap. Francisco Molinari, Presidente da referida sociedade, poderia ajudar-nos em nossa pesquisa.

Dia 7 de agosto de 1970, entrevistamos pessoalmente o Sr. Washington M. Franco, no Clube Piratininga, às 15 horas. Nessa ocasião, além da conversa informal sobre o caso de Ruytemberg Rocha, formulamos algumas perguntas ao entrevistado:

I - Quando e como conheceu Ruytemberg Rocha?

R - *Por ocasião da "Revolução Constitucionalista de 1932", quando se formou o "Batalhão Marcílio Franco", ao 12 de julho de 1932, em Santo Amaro, Estado de São Paulo.*



*Entre os alunos que vieram do Centro de Formação de Oficiais da Força Pública, figurava Ruytemberg Rocha.*

2 -Quais as pessoas da família de Ruytemberg Rocha que V. Sã. conhece?

R -*Não conheci intimamente os membros daquela família.Meu primeiro encontro com alguns parentes de Ruytemberg Rocha ocorreu no cemitério São Paulo. Daí não me recordar dessas pessoas, com detalhes.*

3 -Recorda-se de alguma publicação ou biografia referente a Ruytemberg Rocha ?

R - *Apenas de três notícias, cujos recortes eu guardei.*

OBS:Estes recortes são os da "Gazeta", de 30/07/1932 e de 13/ /07/1954, e do "Correio Paulistano", de 04/07/1957. já transcrevemos estes documentos.

4 -Mantém ou manteve algum contato com as testemunhas do caso (sessão) Ruytemberg Rocha, tendo, eventualmente, comentado com as mesmas as referidas ocorrências ?

R -*Não, Jamais me recordo de ter tido relações com tais pessoas, desconheço-as totalmente.*

Na ocasião, o Sr. Washington informou-nos o nome e endereço de mais um companheiro de trincheira de Ruytemberg Rocha: Cel. Alfredo Guedes Figueira (ex-aluno oficial). Rua Tavares Bastos nº 117, Vila Pompéia, São Paulo, telefone 62-35-40, com quem nos entendemos por telefone, aos 28/8/1970, às 11 horas e 30 minutos.

**DEPOIMENTO DO CEL. ALFREDO GUEDES DE SOUZA FIGUEIRA, DIA 28 DE AGOSTO DE 1970, ÀS 16 HORAS E 30 MINUTOS, NO LARGO SÃO FRANCIS CO, 34 - 49 ANDAR.**

O Cel. Alfredo Guedes relatou-nos o seguinte:

*-"Eram quatro os alunos da Escola de Oficiais da Força Pública que foram incorporados ao "Batalhão Marcílio Franco": Ruytemberg Rocha, Walter Greenen, Antônio Alembert e Alfredo Guedes de S. Figueira (o declarante).*

*No Batalhão Marcílio Franco todos tinham, oficiosamente, o posto de Capitão, embora não fosse este o posto real que possuíam na Força Pública.*

*Achavam-se em pleno combate no cemitério da cidade de Buri, Estado de São Paulo. Na ocasião, como a munição estivesse escasseando, o então Cap. Alfredo Guedes dirigiu-se a Ruytemberg Rocha e propôs-lhe que se fosse buscar mais munição. Ficou resolvido que o próprio Cap. Alfredo Guedes iria providenciar a munição, ficando Ruytemberg Rocha na trincheira, garantindo aquela posição com seus comandados.*

*Ao regressar com o material, o Cap. Alfredo Guedes encontrou, no trajeto de volta, um caminhão que transportava para a retaguarda o cadáver de Ruytemberg Rocha, há pouco morto em a combate.*

*O Cap. Alfredo Guedes, subindo na carroceria do veículo, pode ver o corpo de Ruytemberg Rocha com ferimento ao nível do frontal (centro da testa). Na ocasião tirou-lhe o coldre a tira-colo, já sem o revólver, e guardou-o como lembrança do companheiro. Posteriormente, ofereceu-o ao Museu da Força Pública.”*

O Cel. Alfredo Guedes afirmou que a “*causa mortis*” de Ruytemberg Rocha fora tiro na cabeça.

Inquirido sobre se conhecera ou tivera relações pessoais com as testemunhas do caso (sessão), afirmou jamais ter visto ou conhecido tais pessoas.

#### SOCIEDADE VETERANOS DE 32 - M.M.D.C

Dia 13 de agosto de 1970, às 14 horas e 30 minutos, fizemos nosso primeiro contato com o Cap. Francisco Molinari, presidente da "Sociedade Veteranos de 32 - MMDC", na Rua Anita Garibaldi nº 25, São Paulo. Na mesma ocasião, ficamos conhecendo o Tenente Geraldo Norberto Freire, Diretor de Exumação e Transladações da mesma Sociedade.

Ambos esses oficiais mostraram vivo interesse pelo Caso de Ruytemberg Rocha e, gentilmente, proporcionaram-nos todas as facilidades para a pesquisa dos dados referentes à questão. Graças ao Cap. Francisco Molinari e ao Tenente G. N. Freire foi possível realizar parte do levantamento bibliográfico e obter orientação para a busca nos jornais, pois a Sociedade conta com excelente arquivo de recortes de notícias sobre a Revolução de 1932.

Inquiridos sobre a eventualidade de conhecerem as pessoas ligadas ao caso (sessão) Ruytemberg Rocha, e após verem as fotografias que lhes apresentamos, declararam que jamais viram nem ali estiveram quaisquer dos participantes da referida sessão. Afirmaram-nos, ainda, que ninguém, até então, houvera procurado os arquivos da Sociedade com o intuito de obter informes sobre Ruytemberg Rocha. Ambos ocupam os cargos há muitos anos e nunca ouviram, da parte dos funcionários da Sociedade, quaisquer alusões a uma pesquisa biográfica sobre Ruytemberg Rocha.

Solicitamos informações sobre a exumação e transladação dos despojos de Ruytemberg Rocha para o Mausoléu do Soldado de 32, situado no Ibirapuera, São Paulo. O Tenente G. N. Freire exibiu-nos a documentação referente ao ato. A autorização para a transladação dos restos mortais de Ruytemberg foi firmada pela Sra. Ricardina C. Fonseca, Presidente da "Liga das Senhoras Católicas de São Paulo", aos 8 de junho de 1963. O ato da exumação ocorreu no dia 8 de julho de 1963, às 12 horas, no "Cemitério São Paulo", sob a responsabilidade do Sr. Jarbas Araújo, auxiliado pelo Sr. Paulo Affonso Aquillini. A cerimônia religiosa da encomendação foi realizada pelo Capelão da FAB., Cônego Pedro Gomes.

Tais cerimônias ocorreram, portanto, após a data da sessão em que se deu a aludida comunicação através de D. Túlia.

## **CAIXA BENEFICENTE DA FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Dia 18 de agosto de 1970, às 14 horas e 30 minutos, visitamos a Caixa Beneficente da Força Pública do Estado de São Paulo, na Rua **Alfredo** Maia nº 218, bairro da Luz, em São Paulo.

Fomos atendidos pelo Chefe do Arquivo, Major Antônio C. Andrade, o qual, gentilmente, pôs à nossa disposição todos os elementos informativos referentes a Ruytemberg Rocha.

O número do processo (Benefício) de Ruytemberg Rocha é 1353, já arquivado por morte da única beneficiária, D. Julita Simões Rocha, mãe de Ruytemberg. Copiamos vários dados Constantes do referido processo, os quais transcrevemos a seguir:

### **Dizeres da Capa do Processo nº 1353**

*Julita Simões Rocha - viúva, progenitora do 2º Tenente Ruytemberg Rocha (sic.) do RIC (Regimento de Cavalaria), falecido em 26 de julho de 1932. Matrícula em 2 de fevereiro de 1933. Pensão Mensal : 195\$000.*

### **Informações Contidas no Processo nº 1353:**

*D. Julita Simões Rocha faleceu em 30 de maio de 1960, no "Hospital Maternidade Santana", aos 80 anos de idade (do coração).*

*Atestado de óbito nº 31366, fornecido pelo 8º Subdistrito de Santana, Registro Civil. Oficial do Cartório: D. Myriam Viviane; endereço do Cartório: Rua Amaral Gama, 108. Telefone: 208-4127.*

*Registro de óbito: fls. 160, verso, Livro C, nº 66. Declarante: Sr. Geraldo Fernando Costa, esposo de D. Ladylopeia (uma das filhas de D. Julita).*

*Endereço de D. Julita Simões Rocha, na ocasião, quando ainda era viva: Rua Marechal Hermes da Fonseca nº 106, Alto de Santana - São Paulo.*

### **Certidão de Nascimento de Ruytemberg Rocha:**

*Tabelião José Soares Arantes.*

*Comarca de Jahú, Município e Distrito de São João da Bocaina..*

*Livro de Nascimento nº 13, fls. 20, Termo nº 24.*

*Declaração do próprio pai em cartório, no dia 21 janeiro de 1908.*

*Declarante: Ozório Corrêa da Rocha (pai). Data do nascimento de Ruytemberg Rocha: dia 19 de Janeiro de 1908, às 22 horas.*

*Nome do menino: Ruytemberg.*

*Nome da mãe: D. Julita Corrêa Simões.*

### **Óbito de Ruytemberg Rocha:**

*Registro Civil: Cartório de Paz do Registro Civil do Distrito da Sé, São Paulo*

*Óbito nº 444, fls. 30, livro 8-C.*

*Data do falecimento: 26 de julho de 1932.*

### **Óbito do pai de Ruytemberg Rocha:**

*Laurindo Alves Meira, Escrivão de Paz e Oficial do Registro Civil de Bauru (Estado de São Paulo).*

*Ozório Corrêa da Rocha, falecido no dia 5 de junho de 1929, às 18 horas.*

*Causa: Tuberculose Pulmonar.*

### **Certidão de casamento do Sr. Ozório e D. Julita:**

*Comarca de Brotas, Estado de São Paulo. Serventuário: Heitor Simões Castro.*

*Oficial Maior: Jorge Piva de Castro.*

*Certidão nº 2 (dois), fls. 88, verso, número de ordem 156, de 2 de dezembro de 1893.*

*D. Julita: 13 anos.*

*Sr. Ozório: 21 anos.*

Pelos dados colhidos e retrotranscritos, pudemos esclarecer que o apelido, ou nome real, da mãe de Ruytemberg Rocha era *JULITA*. Vê-se que há grande semelhança com o de que as testemunhas alegaram recordar-se: *LILITA*.

Verifica-se, além disso, que o pai de Ruytemberg já era falecido quando ele foi para o "front". Este dado discrepa das informações prestadas pelo Dr. Alfredo Castro e sua esposa. Estes declararam que o comunicante houvera dito que seu pai ainda era vivo quando Ruytemberg foi para a frente de Buri. Concorde, todavia, com a afirmação de que fora levado à sessão pelo seu pai e por alguns amigos.

**INFORMAÇÕES PRESTADAS PELO SR. SÉRGIO DOS SANTOS PENNA E SUA ESPOSA, D.MARINA SCHWINDT DOS SANTOS PENNA, TESTEMUNHAS DO CASO RUYTEMBERG ROCHA, DIA 2 DE SETEMBRO DE 1970, ÀS 21 HORAS E 15 MINUTOS, LAPA, SÃO PAULO.**

Submetemos ao casal o seguinte questionário:

1- Assistiram VV.SS. à sessão em que D. Túlia Weinstock atuou como médium, dando uma comunicação do falecido Ruytemberg Rocha ?

*R- Sim. (ambos)*

Quais as pessoas presentes na ocasião?

*R- Dr. A.Castro,D.Maria Aidê, Dr.Linhares, D.Yvette, D. Túlia, Sr. Léo, um advogado já falecido (?), D. Anunciata e os informantes.*

OBS.- O Sr. Sérgio e D.Marina mostraram-se pouco seguros devido a estarem já esquecidos dos pormenores do caso.

3- A entidade manifestante dava mostras de sofrimento,dizendo como e onde fora ferida?

*R- Sim. Lamentos, gemidos, manifestando dor, entrecortados de soluços. Punha a mão ao nível do peito, do lado esquerdo. Foi perguntado como fora ferido,ao que respondeu ter sido à bala.*

OBS. Apenas o Sr. Sérgio afirmou que fora à bala. Não mencionou o local do ferimento. D. Marina não se recordava exatamente deste detalhe.

4- A entidade forneceu dados informativos relativos à sua identidade ? Quais?

*R- Deu seu nome, Ruytemberg Rocha, e o nome do batalhão e de seu comandante, sua idade: 20 e poucos anos. Lamentava ter morrido tão jovem e não sabia que estava morto. Indicou o local onde nasceu, o nome da mãe e da irmã. Falou: "minha mãe sempre me dizia que eu devia ir à missa; eu deveria ter obedecido, mas não o fazia; estou arrependido".*

5- Referiu-se a entidade ao próprio pai?

*R- Não se recordavam.*

6- A entidade teria precisado a época em que o próprio pai havia falecido?

a) Era o pai ainda vivo quando Ruytemberg Rocha foi para a frente de Buri?

b) Já era falecido na ocasião?

c) Não especificou exatamente?

*R- Não se recordavam destes pormenores.*

7- Quais os nomes dos familiares de Ruytemberg Rocha que a entidade enumerou, na ocasião?

*R- Mãe: não se recordam.*

*Pai: não se recordam.*

*Irmã: D. Marina afirmou que se recordava bem de ter sido OLINDA, e informou que o comunicante dissera ter muita afinidade com esta irmã.*

8- Lembrar-se-iam VV.SS., em particular, de algum detalhe relativo ao nome da mãe de Ruytemberg Rocha, fornecido pela entidade?

*R- Não se recordavam.*

9- Que pensam V.Sas. sobre o caso Ruytemberg Rocha, quanto às seguintes alternativas :

a) Teria o médium obtido as informações fornecidas durante o transe, a partir de alguma notícia de jornal ou pela leitura de algum livro sobre a Revolução de 1932?

*R O Sr.Sérgio achou ser uma hipótese viável;D.Marina, não.*

b) Teria a médium conhecido alguém da família de Ruytemberg Rocha, ou com ela se relacionado, da qual viesse a obter informes sobre o falecido?

*R- Ambos acham que não.*

c) Seria um caso autêntico de manifestação de entidade desencarnada?

*R- Ambos consideram também viável tal hipótese.*

d) Como explicariam VV.SS.tal fato, fora das alternativas acima?

*R- Não encontram outras explicações.*

10- Assistiram V.Sas. a outras sessões em que a médium serviu à manifestação de entidades desencarnadas, dando, como no caso Ruytemberg Rocha, elementos seguros de identificação? (Descrevam-nas, sumariamente).

*R- Não. Assistiram apenas a duas sessões, sendo que a primeira nada teve de anormal.*

*OBS.- O Sr.Sérgio e D.Marina, como católicos que são, não tiveram grande interesse pelo caso. Disseram ter assistido àquelas sessões apenas como curiosos. Daí, talvez, não se recordarem com precisão dos detalhes da ocorrência.*

### **DEPOIMENTO PRESTADO, DIA 9 DE NOVEMBRO DE 1970, PELO SR. JOSÉ GARCIA SIMÕES ROCHA, IRMÃO DE RUYTEMBERG ROCHA.**

Durante muito tempo, tentamos, sem êxito, descobrir os parentes de Ruytemberg Rocha. Finalmente, graças à colaboração do jornalista Sr.Moacyr Jorge, do jornal "Notícias Populares", o qual, em várias reportagens, fez um apelo aos leitores daquele periódico, pudemos estabelecer contato com o Sr. José Garcia Simões Rocha, único irmão sobrevivente de Ruytemberg Rocha.

Dia 9 de novembro de 1970, das 14 às 16 horas e 45 minutos, pudemos entrevistar aquele senhor, o qual gentilmente se prontificou a responder o questionário, que transcrevemos a seguir.

**“Sr. José Garcia-Simões Rocha (irmão de Ruytemberg Rocha) e Sra. Isabel de Camargo Simões, esposa do Sr. José Garcia Simões Rocha, a qual concordou totalmente com as respostas dadas pelo esposo.**

1 -Quais os nomes dos filhos do casal Sr.Ozório e D.Julita ?

R -*José (o mais velho e que foi entrevistado), Elpídio, Maria, Alice, Olinda, Judith, Aracy 1ª, Ruytemberg, Aidê, Aracy 2ª, Euryderbal, Ladypopéia e Sérvio.*

2 -Quais as cidades, e respectivas datas, onde residiram ?

R -*Brotas: até 1903 (data do nascimento de Olinda);*

*Dois Córregos: de 1903 a 1905;*

*São João da Bocaina (onde nasceram Ruytemberg Rocha e Ladypopéia): 1905 a 1918;*

*Bauru: 1918 a 1929;*

*São Paulo: 1929 até presentemente (1970).*

*(Todas estas cidades ficam no Estado de São Paulo, Brasil).*

3 -Onde moraram em São Paulo e em que datas ?

R -*Rua Marechal Hermes nº 106, Santana, em 1929, onde ficaram até à morte de Ruytemberg Rocha, em 1932, e de Olinda, em 1934. D. Julita mudou-se, então (1934), para o Tremembé; depois para o Ipiranga, depois para Tucuruvi, onde morreu (Av. Nova Cantareira).*

*O Sr. José morou nos seguintes bairros : Tucuruvi, Santana, Tatuapé, Belém, Vila Mariana (Saúde) e Cerqueira Cesar (Consolação), em 1967.*

4 -D. Julita, ou algum parente seu, alguma vez necessitou dos serviços profissionais de uma fisioterapeuta (massagista)? Em caso afirmativo, qual o nome ?

R - *Nunca houve necessidade desse tipo de profissional na família.*

5 -Quais os médicos que atendiam os membros da família, em São Paulo ?

R -*Dr. Rubens Barbosa Tavares, no próprio bairro de Tucuruvi.*

6 -Das pessoas arroladas no caso da manifestação da personalidade de Ruytemberg Rocha, e cujos nomes e fotografias lhe foram mostradas, qual delas era conhecida de algum dos membros da família?

R -*Nenhuma delas. Nunca ouvi falar nessas pessoas, nem me recordo de que alguém da família houvesse mantido relações com as mesmas.*

7 -Houve publicidade a respeito de Ruytemberg Rocha, em jornais, livros ou revistas? (enunciar os nomes e datas).

R -*Não conheço nada a respeito, nem mesmo livros, biografias ou equivalentes. Todavia, possuo um ou dois recortes de jornais do tempo da Revolução de 1932, que posso procurar e fornecer-lhe mais tarde.*

8 -Particularmente, em 1961 (ou pouco antes),teria ocorrido alguma publicação ou notícia através do rádio ou da televisão, a respeito de Ruytemberg Rocha? Em caso afirmativo, foram fornecidos dados biográficos completos a seu respeito? Quais?

R -*Não tenho informações de que haja sido publicada ou divulgada qualquer notícia a respeito de Ruytemberg nessa ocasião.*

9 -D. Julita era muito relacionada?

R -*Não, pelo contrário.*

9.1 -Frequentava alguma reunião?

R *Negativa.*

9.2 -Deu alguma entrevista coletiva?

R -*Negativa.*

9.3 --Pertencia a alguma sociedade?

R *Negativa.*

9.4 -Apresentou-se no rádio ou na televisão?

R *Negativa*

.

9.5 --Foi entrevistada pela imprensa?

R *Negativa.*

10 -Teria algum membro da família dado alguma entrevista por meio de rádio, ou de televisão, ou imprensa, sobre Ruytemberg Rocha?

R -*Negativa.*

11 -Qual sua explicação para o caso, uma vez que a médium (D. Túlia) forneceu vários dados sobre Ruytemberg Rocha?

R -*Só poderia ter sido o próprio Ruytemberg.*

A nosso pedido, o Sr. José Garcia Simões Rocha fez extenso relato da vida de seu irmão, que foi gravado em fita magnética. Prometeu-nos uma fotografia de Ruytemberg, a qual figura neste relatório.



Todas as suas informações foram corroboradas pela sua esposa, D. Izabel de Camargo Simões, que se achava presente na ocasião.

Pelo depoimento do Sr. José G.S.Rocha conclui-se que a família de Ruytemberg Rocha e a de D.Túlia, bem como as das testemunhas, nunca tiveram relacionamento entre si. É certo que pelo menos as famílias de Ruytemberg e da médium sempre moraram em cidades e bairros diferentes e afastados entre si. Isso quase elimina a hipótese de eventuais informações transmitidas através de contatos pessoais por partes dos protagonistas do caso.

## **DADOS BIOGRÁFICOS E ALGUNS DETALHES SOBRE A MÉDIUM D. VITULIA WEINSTOCK, D. TULIA**

Antes de empreendermos uma análise mais profunda do caso Ruytemberg Rocha, achamos oportuno fornecer alguns dados referentes à médium, D. Túlia. É óbvio que assim devamos proceder, pois, numa pesquisa deste gênero, estaríamos incorrendo em imperdoável omissão se não cuidássemos das qualidades do principal elemento: o sensitivo. Possuímos extenso material informativo concernente a D. Túlia, dados esses devidamente gravados em fita magnética e, em grande parte, anotados por escrito. Além disso, pudemos privar, pessoalmente, com a médium, em algumas oportunidades. Todo esse material pareceu-nos suficiente para uma segura avaliação acerca de D. Túlia, principalmente no que diz respeito a seus dons mediúnicos.

D. Túlia nasceu em Sorocaba, Estado de São Paulo, Brasil, em 6 de março de 1920. Seus pais, Sr. José Passarelli e D. Rosália Brenga Passarelli, eram ambos de formação religiosa tradicionalmente católica. O Sr. José Passarelli tornou-se indiferente à religião de origem, ao passo que D. Rosália tornou-se, mais tarde, adepta do Espiritismo, devido aos fatos que passou a observar, relacionados com esta crença. Em 1944, D.Túlia casou-se com o Sr. Léo Weinstock, vindo a residir daí por diante em São Paulo (capital do Estado de São Paulo).

Desde a idade de oito anos, D. Túlia tivera oportunidade de assistir a algumas sessões mediúnicas. Aos doze anos, aproximadamente, começou a sofrer de reumatismo infeccioso. Normalmente, todos os anos o mal reativava-se, obrigando-a a guardar o leito durante dois ou três meses. Certa ocasião, o mal agravou-se de tal forma que, após seis meses de cama, D. Túlia foi desenganada pelos médicos. Chegou a ser atendida por oito clínicos, os quais deram o caso por perdido. Diante deste fato e por sugestão de um tio de D. Túlia, que era espírita, o pai da mesma procurou os serviços de um médium, numa última tentativa de salvar a filha. O referido médium compareceu e sentou-se ao lado da cama, passando a conversar com a doente. Após alguns instantes aplicou-lhe passes magnéticos e, a seguir, convidou-a a erguer-se do leito e andar. *“Mas eu não posso levantar-me”*, disse então a paciente. Ao que o médium respondeu *“Pode sim, agora você já pode levantar-se. Vamos, tente.”* A jovem ergueu-se e surpreendida notou que

podia caminhar com certa facilidade, indo até o fundo do quintal de sua casa e retornando normalmente. Desde então não mais sentiu os sintomas da doença, tendo-se operado sua cura. Seus pés e joelhos ainda permaneciam inchados na ocasião. O médium disse-lhe que após uma semana ela deveria ir ao centro espírita, mas a pé, sem auxílio de condução. oito dias mais tarde a jovem foi ao centro espírita, andando normalmente, o que causou grande admiração aos vizinhos, uma vez que sabiam da gravidade da moléstia.

Daí em diante, D.Túlia passou a freqüentar regularmente as sessões espíritas daquele centro. Em 1949, já casada e residindo em São Paulo, ao assistir a uma sessão espírita em casa de seu cunhado, Dr. Alfredo Castro, começou a sentir os sintomas de um transe mediúnico, terminando por manifestar seu primeiro caso de comunicação de um agente desencarnado. Nesta ocasião, devido a sua inexperiência, teve uma manifestação um tanto violenta e descontrolada. Começaram daí os seus transe mediúnicos.

As pessoas relacionadas com D.Túlia, tendo em vista as constantes comunicações de agentes desencarnados, que se identificam, insistem com ela para que participe de sessões. Todavia, conforme ela própria explicou, considera que tal participação exige do médium grande noção de responsabilidade. Como é pessoa geralmente muito ocupada, acha que não usufrui de adequada tranqüilidade para uma produção mediúnica desejável. Devido a isso, costuma retrair-se e evita tomar parte nas sessões. *“Uma das condições favoráveis para boas produções mediúnicas.”* diz D. Túlia, *“é o silêncio e a ausência de preocupações”*.

Inquirida a respeito de outras faculdades, tais como desdobramento e vidência, respondeu que não as possui. Não obstante, embora muito raramente, tem tido casos de premonição. As ocorrências telepáticas não lhe são familiares, jamais observou tais fenômenos, em relação a outras pessoas, nem mesmo com o marido e demais parentes. Algumas vezes, tem obtido mensagens psicografadas, mas tais mensagens nem sempre contêm elementos para uma perfeita identificação do "agente *Theta*". D. Maria Aidê referiu-se a uma poesia obtida por D. Túlia, através de psicografia. Segundo se presume, esta poesia teria sido induzida por uma falecida irmã da médium.

Seus casos mais importantes foram obtidos por psicofonia, em transe mediúnico inconsciente. Algumas dessas manifestações de agentes desencarnados com identificação chegaram a ser gravadas. Infelizmente, como o grupo não se reúne com outro objetivo senão o religioso, não cuidaram de conservar essas gravações. Fez exceção o caso de Ruytemberg Rocha que, embora não tivesse sido gravado, foi precariamente anotado pelo Dr. Waltencir Linhares, cujo interesse maior era, justamente, a investigação científica dessas ocorrências. Infelizmente, suas ligeiras notas foram postas fora, logo que ele obteve a confirmação acerca dos dados fornecidos pela médium em transe.

D.Maria Aidê relatou que, durante uma das sessões, manifestou-se um padre que freqüentava sua casa, à época em que ela e D.Túlia eram ainda crianças.

Geralmente, o padre visitava-as quando, por um motivo ou outro, deixavam de ir, à missa. Havia uma certa rivalidade entre esse padre e D.Túlia, o que dava origem a algumas polêmicas religiosas entre os dois, pois, apesar de criança, D.Túlia não concordava inteiramente com as idéias do sacerdote. Há cerca de dez anos (1961), esse sacerdote manifestou-se através de D.Túlia, durante uma das costumeiras reuniões do grupo. A maneira de falar e outras características eram típicas daquele padre, de molde a sugerir tratar-se de sua personalidade. Este fato, reconhecemos, não tem o mesmo valor probante do caso de Ruytemberg Rocha, porquanto seria explicável também por outras hipóteses normais. Todavia, serve como exemplo das produções mediúnicas de D.Túlia.

Dos contatos pessoais que tivemos com D.Túlia pudemos, desde logo, assinalar sua modéstia e naturalidade quando se tratou de seus dotes mediúnicos. Pareceu-nos pessoa equilibrada e simples, sem grande interesse em demonstrar suas qualidades de médium. Dedicou-se mais à sua profissão e afazeres domésticos. Possui personalidade marcante, simpática e um tanto discreta, embora normalmente comunicativa.

Conversando com o filho de D.Túlia, Sr. Marcos Luiz Weinstock, notamos que ele pouco se interessava pelo Espiritismo. Porém, ao referir-se à mediunidade de sua mãe, disse-nos que a respeitava muito pelas virtudes excepcionais de sua genitora. Quanto ao caso de Ruytemberg, considerou que somente uma explicação paranormal aplicar-se-ia a este fato, tendo em vista a sinceridade e honestidade de D. Túlia.

Todos os demais componentes do grupo espírita, ao serem entrevistados, foram unânimes em exaltar as virtudes e os valores positivos de D. Túlia, opinião esta que subscreveríamos, sem hesitação.

## **ANÁLISE DO MATERIAL INFORMATIVO CONCERNENTE AO CASO RUYTEMBERG**

De acordo com as informações das testemunhas que assistiram à sessão durante a qual ter-se-ia manifestado a personalidade de Ruytemberg Rocha, a médium em transe forneceu uma série de informações que puderam ser verificadas posteriormente. Algumas dessas informações estavam corretas; outras apresentaram discrepâncias.

As pesquisas feitas por nós, no intuito de encontrar as possíveis fontes de informação que pudessem ter servido à médium, na eventualidade de uma ocorrência de criptomnésia, mostraram que o material informativo disponível ter-lhe-ia sido insuficiente e, até mesmo, inacessível. Contudo, achamos importante levar a efeito uma análise mais profunda desse material. Para isso, apresentamos uma tabulação em que se torna possível a visão conjunta dos elementos em análise.

## **TABULAÇÃO DAS INFORMAÇÕES FORNECIDAS PELA MÉDIUM EM TRANSE E DAS RESPECTIVAS VERIFICAÇÕES EFETUADAS COM O FITO DE COMPROVÁ-LAS.**

### **Informação através da médium:**

1 -O nome do comunicante é Ruytemberg Rocha, o qual faleceu em 1932, na frente de Buri, durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo.

**Confirmação pelas testemunhas:** Dr. Alfredo Castro, D. Maria Aidê Castro, Dr. Waltencir Linhares, Sr. Sérgio dos Santos Penna, D. Marina S. Santos Penna, Sr. Léo Weinstock

### **Observações e Fontes de Informação:**

-Fichas fornecidas pela Força Pública do Estado de São Paulo, aos 11 de novembro de 1961 e 16 de julho de 1970. Processo nº 1353, da Caixa Beneficente da Força Pública do Estado de São Paulo.

-Livros e noticiários dos jornais.

### **Informação através da médium:**

2 -Era aluno do 2º ano da Escola de Oficiais da Força Pública e fora incorporado ao Batalhão Marcílio Franco.

**Confirmação pelas testemunhas:** Dr. Waltencir Linhares mencionou "que era aluno do 2º ano da Escola de Oficiais da Força Pública e como tal havia sido incorporado ao Batalhão Marcílio Franco" (*sic*). (Ver carta dirigida ao Dr. Alberto Lyra).

*D Maria Aidê informou que era "aluno do 2º ano da Escola de Oficiais da Força Pública do Estado de São Paulo e incorporado como 2º Tenente ao Batalhão Marcílio Franco" (*sic*).*

*Dr. Alfredo Castro informou que Ruytemberg Rocha dissera "ser um oficial combatente da Força Pública do Estado de São Paulo, um Tenente, a serviço da Revolução de 1932 ..." (*sic*).*

### **Observações e Fontes de Informação:**

-Processo 1353, da Caixa Beneficente da Força Pública do Estado de São Paulo. As fichas de baixa fornecidas pela Escola de Oficiais da Força Pública do Estado de São Paulo revelam que Ruytemberg Rocha, na ocasião em que fora morto, era, realmente, apenas "aluno Oficial do 2º ano da Escola de Oficiais".

*Isto é confirmado pelo atestado fornecido, em 16 de julho de 1970, pelo Major Othon Fernando de Oliveira e Silva.*

*-O Dr. Waltencir Linhares, em sua carta ao Dr. Alberto Lyra, informou corretamente: "que era aluno do 2º ano da Escola de Oficiais da Força Pública, e como tal havia sido incorporado ao Batalhão Marcílio Franco" (sic).*

*-A informação dada por D. Maria Aidê Castro diz também que Ruytemberg Rocha já era 2º Tenente.*

*-O Dr. Alfredo Castro informou que ele era Tenente.*

*Pensamos que estas testemunhas, devido ao lapso de tempo transcorrido, não estivessem bem lembradas das declarações de Ruytemberg Rocha. Daí as discrepâncias. Na realidade, Ruytemberg Rocha só foi promovido a 2º Tenente após sua morte, por decreto publicado no Diário Oficial de 3 de agosto de 1932, nos termos do Decreto nº 5602, de 23 de julho de 1932. Tendo morrido na noite de 26 para 27 de julho, ele ainda não tinha o posto de 2º Tenente.*

*A placa da rua apenas menciona Tenente Rocha.*

*O livro "Cruzes Paulistas menciona "aluno do Curso de Oficiais da Força Pública", mas dá seu posto como sendo Capitão; não menciona o Batalhão Marcílio Franco.*

*O jornal "O Estado de São Paulo", de 18 de agosto de 1932, p. 3, menciona o Batalhão Marcílio Franco e dá o posto de Capitão.*

*O jornal "A Gazeta", de 30 de julho de 1932, dá o nome de Batalhão Marcílio Franco, mas menciona: "Capitão Guttemberg (nome errado do herói); no número de 13 de julho de 1954, menciona "Tenente de Cavalaria da Força Pública, Ruytemberg."*

*O jornal "Correio Paulistano menciona o Batalhão Marcílio Franco e dá o posto de Capitão.*

### **Informação através da médium:**

*3 -Fora ferido por estilhaços de granada, dizendo sentir dor na região supraclavicular esquerda (ou no peito, à esquerda), local onde a médium manteve a mão espalmada durante toda a sessão.*

**Confirmação pelas testemunhas:** *Dr. Waltencir Linhares indicou a região supraclavicular esquerda. D. Maria Aidê Castro menciona o peito, onde a médium manteve a mão. Dr. Alfredo Castro menciona que recebeu estilhaços de granada à altura do peito. Sr. Sérgio dos Santos Penna informou que o ferimento fora à bala. D. Marina (esposa do Sr. Sérgio) não soube informar.*

### **Observações e Fontes de Informação:**

*Em todas as fontes de informação, a "causa mortis" de Ruytemberg Rocha é dada como sendo um tiro na cabeça. Esta discrepância revela que a médium*

não teria agido por **criptomnésia**. Caso contrário, esta informação seria a mais concordante neste ponto, tal a abundância das fontes informativas.

#### **Informação através da médium:**

4 -Foi trazido ao local da sessão por seu pai e alguns amigos; afirmou que seu pai era vivo quando fora para o "front".

**Confirmação pelas testemunhas:** Dr. Waltencir Linhares afirmou apenas que "fora trazido nossa reunião por uma pessoa muito amiga". D. Maria Aidê Castro afirmou: "estou aqui trazido por meu pai e alguns amigos"; informou, além disso, que o pai ainda era vivo quando ele foi para a frente da batalha. Dr. Alfredo Castro deu as mesmas informações que D. Maria Aidê, sua esposa.

#### **Observações e Fontes de Informação:**

*De acordo com o Processo nº 1353, da Caixa Beneficente da Força Pública, o pai de Ruytemberg faleceu no dia 5 de julho de 1929. Portanto, ele já estava morto em 1932. Esta discrepância mostra que, se houve uma ocorrência de criptomnésia, a médium não obteve a informação por esta fonte. Por outro lado, tal discrepância poderia ocorrer da parte de um agente desencarnado, desde que, realmente, não soubesse de sua situação de morto e que fosse procurado pelo seu pai desencarnado. Concluiria, da sua primeira impressão, que o pai ainda estava vivo.*

#### **Informação através da médium:**

5 -Nasceu em São João da Bocaina, em 1908. (Já este nome havia sido mudado para Bocaina, na ocasião da comunicação).

**Confirmação pelas testemunhas:** Dr. Waltencir Linhares não mencionou a data. D. Maria Aidê Castro informou local e data. Dr. Alfredo Castro informou data e local.

#### **Observações e Fontes de Informação:**

*Registros da Força Pública do Estado de São Paulo.*

*O livro "Cruzes Paulistas" diz : "Nascera Ruytemberg, em São João da Bocaina, a 19 de janeiro de 1908.*

#### **Informação através da médium:**

6 -*Seu pai chamava-se Ozório Rocha.*

**Confirmação pelas testemunhas:** *Dr. Waltencir Linhares, D. Maria Aidê Castro, Dr. Alfredo Castro.*

**Observações e Fontes de Informação:**

*Registro da Força Pública.*

*O livro "Cruzes Paulistas.*

*O jornal "O Estado de São Paulo", de 3 de junho de 1960 traz o nome Ozório Corrêa da Rocha, embora não mencione Ruytemberg.*

**Informação através da médium:**

7 -*Sua mãe chamava-se Julieta Simões, e deu seu apelido familiar uma das testemunhas supre seja "LILITA".*

**Confirmação pelas testemunhas:** *Dr. Waltencir Linhares afirmou que fora mencionado o apelido, mas não se recordava do mesmo. D. Maria Aidê Castro supõe seja "LILITA" o apelido.*

**Observações e Fontes de Informação:**

*De acordo com o Processo nº 1353, da Caixa Beneficente da Força Pública, o verdadeiro nome de batismo da mãe de Ruytemberg é **JULITA**. Era esse o nome usado na família, segundo nos informou o irmão de Ruytemberg, Sr. José Garcia Simões Rocha.*

*O jornal "O Estado de São Paulo", de 3 de junho de 1960, menciona o nome de D. Julita Simões Rocha, todavia não cita o nome de Ruytemberg. Cremos fosse muito improvável que servisse como fonte de informação, para a eventualidade de um fenômeno de criptomnésia.*

**Informação através da médium:**

8 -*Tinha uma irmã, cujo nome seria **OLINDA**.*

**Confirmação pelas testemunhas:** *Dr. Waltencir Linhares não se recorda do nome. D. Maria Aidê Castro não se recorda do nome. Dr. Alfredo Castro não se recorda do nome. D. Marina S. Santos Penna diz que se recordava bem de ter sido **OLINDA**, e informou que o comunicante dissera ter muita afinidade com esta irmã.*

## **Observações e Fontes de Informação**

*O livro “Cruzes Paulistas” menciona os nomes de vários irmãos de Ruytemberg, entre os quais figura o de OLINDA. No depoimento gravado do Sr. José Garcia S. Rocha, irmão de Ruytemberg, ele declarou que, realmente, OLINDA era a irmã mais ligada a Ruytemberg. Olinda faleceu dois anos após Ruytemberg, isto é, em 1934.*

## **“ANÁLISE DA TABULAÇÃO E COLOCAÇÃO DAS HIPÓTESES EXPLICATIVAS MAIS PROVÁVEIS**

A tabulação retro-apresentada mostra que praticamente todas as informações fornecidas pela médium em transe podem ser encontradas em fontes exteriores. Todavia, nenhuma das fontes contém a totalidade dos dados fornecidos pelo comunicante e registrados pelas testemunhas. Infelizmente, não foram também recordadas as demais informações, que o comunicante dera na ocasião, e que se perderam, por não se terem conservado as anotações tomadas então.

### **FRAUDE**

Afastamos, desde início, a hipótese de uma fraude por parte da médium. Mas, mesmo que ela houvesse realizado uma mistificação, deveria ter-se valido das mesmas fontes informativas utilizadas pelos investigadores. Essa operação, além de quase impraticável nas condições de D. Túlia, se fosse realizada, teria deixado os indícios de sua passagem pela "Academia de Polícia Militar da Força Pública", pela "Caixa Beneficente da Força Pública" e pela "Sociedade Veteranos de 32-MMDC". Em nenhum desses lugares foram encontrados indícios de sua passagem. Embora exibíssemos as fotografias e, fichas pessoais da médium e das testemunhas, ninguém as identificou naquelas repartições. Na Academia de Polícia Militar, lembravam-se do Dr. Alfredo Castro, que lá estivera havia nove anos. É quase seguro que nenhuma informação poderia ter sido transmitida entre pessoas do grupo da médium e membros da família Ruytemberg. É certo que sempre residiram em cidades e bairros afastados, conforme se conclui pelo depoimento do irmão de Ruytemberg, Sr. José Garcia Simões Rocha, o qual afirmou jamais ter tido conhecimento de relações entre membros de sua família e pessoas do grupo.

### **CRIPTOMNÉSIA:**

Restaria, ainda, a criptomnésia como explicação natural. Mas, se, para o caso de uma eventual fraude, há tantos obstáculos, maior ainda seria a dificuldade para admitir-se tal hipótese. D. Túlia não é dada a leitura de jornais e livros. Além disso, as informações prestadas durante o transe discrepam justamente em relação



aos fatos mais em evidência nas fontes externas de informação. Assim, por exemplo, o posto de **Capitão** é mencionado em cinco fontes acessíveis a qualquer leitor de livros ou jornais.

De todas as discrepâncias a mais curiosa e notável refere-se à "*causa mortis*". A médium, em transe, não só afirmou que o ferimento mortal fora por estilhaço de granada, como acusou sentir dor na região supraclavicular esquerda (ou ao nível do peito esquerdo), local este onde dizia ter sido atingida. Ora, todas as fontes de informação escritas e registros oficiais, bem como as testemunhas oculares da morte de Ruytemberg, Sr. Washington M. Franco e Coronel Alfredo Guedes de Souza Figueira, são unânimes em afirmar que a "*causa mortis*" foi ferimento perfurante, por bala, ao nível do frontal (centro da testa). Fosse qual fosse o modo pelo qual a médium houvera obtido a informação, esta deveria ser, por força, a menos discrepante, tal a absoluta concordância das fontes informativas. No entanto, assim não ocorreu.

Estas discrepâncias, a do verdadeiro posto de Ruytemberg, que a médium deu corretamente apesar de constar nas fontes, predominantemente, o posto de Capitão concedido, "*post-mortem*", assim como a referente à "*causa mortis*", por si sós serviriam para eliminar as hipóteses de **fraude e criptomnésia** juntas.

Restariam, então, mais duas hipóteses explicativas para o caso de Ruytemberg Rocha, ambas de categoria paranormal. Uma delas seria a captação por ESP, seguida de dramatização, durante o transe mediúnico. A outra seria a manifestação de um agente desencarnado, através da médium, por um processo de incorporação temporária, seguida de comunicação psicofônica. Vamos examinar estas duas hipóteses.

### **CAPTAÇÃO POR ESP:**

Inicialmente, temos que considerar que D. Túlia, em estado de vigília, não é uma dotada paranormal. As ocorrências de telepatia e clarividência inexistem em sua experiência cotidiana. Todavia, é sujeita a experiência de alteração de estado de consciência, tendo iniciado espontaneamente sua carreira de médium sonambúlica inconsciente, durante uma sessão espírita, em 1949.

Admitindo-se que, no estado sonambúlico, pudesse ela ter sua ESP exaltada, restaria explicar ou demonstrar satisfatoriamente os seguintes pontos:

- a) *Como e por quê a médium focalizou, em 1961, justamente Ruytemberg Rocha, falecido em 1932, bem como as fontes correlatas de informação a seu respeito?*
- b) *Por quê a "*causa mortis*", inclusive sua característica dramatização, não concorda com das fontes informativas, bem assim com o conhecimento daqueles que testemunharam a morte de Ruytemberg e que o viram com o ferimento a bala, ao nível do frontal ?*

c) *Como e por quê a médium registrou o apelido familiar da mãe de Ruytemberg (Julita), distinguindo-o do nome que geralmente figura no livro **Cruzes Paulistas**, nos registros da Academia Militar da Força Pública e no noticiário de "O Estado de S.Paulo", de 10/7/937, pág. 12?*

d) *Como e por que a médium conseguiu informar o posto verdadeiro de Ruytemberg, quando ainda vivo, se a maioria das fontes informativas davam-no como **Capitão**?*

*Como pode a médium distinguir, entre todos os irmãos, o nome da irmã que era mais chegada a Ruytemberg, uma vez que OLINDA já era falecida em 1961, por ocasião da sessão?*

Estes cinco itens já bastariam para pôr em dúvida a hipótese de uma captação por ESP, seguida de dramatização.

### **MANIFESTAÇÃO DO AGENTE DESENCARNADO - "DROP IN"**

Esta hipótese é a que melhor se adapta a este caso. Ela explicaria bem os itens anteriores e, além disso, poderia justificar as discrepâncias assinaladas.

Ruytemberg só foi efetivamente promovido a Capitão muito tempo depois de sua morte. Ele era Aluno Oficial do 2º ano da Escola de Oficiais, quando se incorporou ao Batalhão Marcílio Franco. Logo, só poderia ter dado esta informação, a qual independe das cinco fontes dadas à publicidade, após sua morte.

Realmente, Ruytemberg foi morto por uma bala que o atingiu na frente.. Este é o fato. Qual teria sido a última sensação de Ruytemberg, devida ao impacto violento do projétil que lhe perfurou o crânio? Certamente, foi a de um estrondo, seguido de clarão, pois as concussões na cabeça produzem esse efeito. A bala, ao penetrar-lhe a caixa craniana, teria excitado o centro da sensibilidade correspondente à região onde sentiu a dor. Em frações de segundo, que lhe precederam a morte, Ruytemberg teria interpretado o fato como a explosão de uma granada, cujos estilhaços o teriam atingido na região correspondente à parte cerebral excitada. Esta seria, a nosso ver, a explicação para a discrepância assinalada.

É interessante ressaltar o fato de que o setor de Buri foi um dos mais castigados por bombardeios de canhão. Tal peculiaridade daquela frente de combate é particularmente conhecida dos ex-combatentes da Revolução Paulista de 1932. Desse modo, é natural que os soldados do "front" de Buri se mostrassem preocupados com os estilhaços de granada. Ao receber o impacto do projétil na testa, seria bem normal que Ruytemberg Rocha houvesse interpretado, segundos antes de morrer, como sendo um estampido de granada. Ao sentir a dor na região correspondente à zona cerebral excitada, teria concluído que fora atingido por um estilhaço de granada ao nível do peito.

## CONCLUSÃO:

O presente caso, embora comporte explicações ou normais ou baseadas na percepção extra-sensorial, apresenta evidências que sugerem a manifestação de um agente desencarnado, através de uma médium. As características da comunicação colocam-na na categoria do tipo "drop in", isto é, o **comunicador** é inteiramente desconhecido da **médium** e dos assistentes da sessão.

O autor, sem querer desmerecer as outras interpretações, opta pela última, por lhe parecer mais adequada ao caso.”